

O
PESO DA
BÊNÇÃO



LAÍS CARNELOSSO



O PESO DA BÊNÇÃO

LAÍS CARNELOSSO

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Reginaldo Carnellosso e Betânia Carnellosso, por todo o esforço ao longo da vida para que eu pudesse cursar o ensino superior com qualidade. Sem vocês, a minha formação na PUC-SP não teria sido possível. Sou grata também por todo o apoio ao longo desses quatro anos de curso, especialmente pela motivação e pelo acolhimento durante este projeto de TCC.

Além da minha família, não poderia deixar de agradecer aos meus amigos: Laura Boechat, Maria Clara Alcântara, Vinicius Vilas Boas, Marcello Toledo, João Curi, Maria Eduarda dos Anjos e Ana Beatriz de Assis. Vocês tornaram esses anos incríveis. Obrigada por todo o apoio, consolo e momentos de alegria.

Por fim, agradeço a todos os professores de Jornalismo da PUC-SP que fizeram parte da minha trajetória. Vocês foram fundamentais para a minha formação. Em especial, agradeço ao meu orientador, Leonardo Sakamoto, pela paciência e pelos ensinamentos que tornaram este livro-reportagem possível.

Existem várias formas de fazer uma denúncia. Você pode procurar diretamente uma delegacia, o Ministério Público ou utilizar canais como o Disque 100 (Disque Direitos Humanos) e o Disque 181 (da Polícia Civil), que funcionam 24 horas por dia, gratuitamente. Em ambos os canais a denúncia pode ser feita de forma anônima.

A melhor maneira de ajudar uma criança é notificando casos, mesmo que você tenha apenas suspeitas. As equipes de investigação são responsáveis por apurar se a criança está realmente sendo vítima de abuso sexual. Não se preocupe em estar errado, se a criança apresentar sinais, tente ajudá-la.

SUMÁRIO

Introdução	06
1. Até onde vai a violência sexual infantil	14
2. A naturalização da violência.....	34
3. A violência disfarçada de evangelho	48
4. Cicatrizes da infância	64
5. As características do agressor	75
6. Quebra da violência.....	82
Epílogo.....	93
Bibliografia.....	97

INTRODUÇÃO

“Quando a gente é criança não tem muita coisa, e o pouco que temos pode ser tirado quando situações assim acontecem. É por isso que eu não quero ser mãe, porque eu não conseguiria ter paz na minha vida”, relata Mirela Costa. “O psiquiatra disse que acredita que meu transtorno de ansiedade tenha origem na exigência desproporcional da infância por conta de um Deus que anotava tudo o que eu fazia de errado”, conta Clara. “Há momentos em que acredito que perdi minha infância. Faltam palavras para descrever isso. Muita coisa foi perdida e muita coisa poderia ter sido diferente. Eu poderia ter tido um futuro diferente”, afirma Fabiano Ferreira.

Mirela Costa e Clara nasceram na religião Testemunhas de Jeová em cidades diferentes. Fabiano Ferreira foi coroinha da Igreja Católica em Arapiraca. Este livro-reportagem reúne 5 entrevistas com vítimas de violência sexual em contextos religiosos. “As vítimas e histórias foram selecionadas através de trocas com grupos de apoio, pesquisadores e escritores da área, que conheciam diretamente as vítimas ou ouviram falar de suas histórias. Os contatos foram intermediados por advogados e também pelas redes sociais.”

O nome Clara é um pseudônimo utilizado para a proteção da vítima. Os outros quatro entrevistados (Fabiano Ferreira, Mirela Costa, Lya Veiga e Lucas Vasconcelos) optaram por manter seus nomes reais. Ao

longo do texto, outros pseudônimos foram utilizados para dar mais sentido e fluidez à história. Isso ocorre com as vítimas de Naasón Garcia, da Igreja Luz do Mundo, o nome do presidente de um presbitério da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, um suspeito de agressão sexual e o nome da paciente atendida pela ginecologista Albertina Duarte.

Além das entrevistas, foram usados para apuração: documentos de processos disponíveis, julgamentos televisionados, documentários e notas de instituições públicas e privadas. Para contextualizar e explicar aspectos das histórias, foram ouvidos especialistas de diferentes áreas. Destaco entre eles a Christina Vital, mestre em sociologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), o doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Jean Von Hohendorff, e o teólogo André Boccato, doutor pela Universidade de Roma.

Através do censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se concluir que o Brasil é majoritariamente cristão. O balanço revela que 56,7% da população se declara católica apostólica romana e 26,9% se identifica como evangélica (de diferentes denominações). Como analisa o instituto, houve um aumento no número de evangélicos no país e uma queda significativa no número de católicos.

Segundo o teólogo André Boccato, professor de Teologia Moral da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o cristianismo, antes de se tornar uma religião institucionalizada, era um estilo de vida — um modo de ser que se colocava como alternativa ao modelo do Império Romano e ao próprio judaísmo, vigente na época de Jesus. Esse movimento, surgido no primeiro século, atraiu principalmente as massas mais pobres e marginalizadas.

Como o especialista explica, Jesus de Nazaré foi um homem que viveu na Galileia por 33 anos. Nesse período, desenvolveu a consciência de que tinha a missão de semear a palavra do seu Pai, Deus, pela Terra. Os evangelhos narram sua história, milagres e ações, destacando o bem que ele fez por onde passou.

O teólogo completa que no século IV da Era Cristã o Império Romano entrou em crise. Foi nesse contexto que o cristianismo começou a se institucionalizar. Historicamente, foi o momento em que nasceu a Igreja Católica, que se consolidou ao longo dos séculos seguintes e alcançou estabilidade por volta do século XIII.

Boccato afirma que não há um único cristianismo, mas diversos cristianismos. Da mesma forma, não existe um só catolicismo ou protestantismo e sim uma variedade de expressões dentro dessas tradições. O mesmo vale para

o universo evangélico — não há “a” igreja evangélica, mas uma multiplicidade quase incontável de igrejas.

No Brasil, essa diversidade se expressa principalmente nas igrejas pentecostais e neopentecostais. Mariana Reinisch Picolotto, mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Ricardo Mariano, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), abordam o contexto histórico e as diferentes fases do pentecostalismo no país.

Em seus trabalhos, “O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações” e “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”, eles relatam que a primeira igreja pentecostal no Brasil foi a Congregação Cristã (1910), seguida pela Assembleia de Deus (1911). Picolotto destaca ainda como a influência do pietismo e da resistência ao luteranismo oficial, características do pentecostalismo sueco, foram essenciais para a formação do pentecostalismo brasileiro.

Os pesquisadores identificaram três ondas do movimento pentecostal no Brasil: a primeira é o pentecostalismo clássico, representado por igrejas como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã. Suas principais características são: glossolalia (falar em línguas), dons espirituais, batismo no Espírito Santo, ascetismo e rejeição ao mundo. A segunda onda é o

pentecostalismo de cura, presente em igrejas como o Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. Com foco nas camadas populares, essas denominações enfatizam a cura divina, a libertação de forças malignas e o uso de mídias. A terceira é o neopentecostalismo, representado por igrejas como a Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Sara Nossa Terra e Renascer em Cristo. Esse modelo enfatiza a teologia da prosperidade, a guerra espiritual (exorcismos), o uso intensivo da mídia e menor rigidez moral.

A antropóloga Picolotto observa a dificuldade em classificar novas igrejas que incorporam elementos híbridos, como a personalização da fé, a presença digital e a oferta de serviços religiosos diversificados. Ricardo Mariano complementa que, à medida que as ondas se sucedem, há uma progressiva flexibilização dos costumes morais. No neopentecostalismo, por exemplo, observa-se a rejeição ao ascetismo tradicional e a permissão para práticas anteriormente proibidas, como assistir à televisão ou ir ao cinema.

Quanto ao protestantismo, Boccato relembra a figura de Martinho Lutero. Suas revogações ao catolicismo no século XVI somaram-se a outros movimentos críticos à Igreja, que até então concentrava o poder espiritual e temporal no Papa. Desses impulsos surgiu o movimento protestante, marcado por diversas reformas religiosas.

O teólogo conclui que as igrejas evangélicas, portanto, não derivam diretamente do catolicismo, mas do protestantismo. O especialista discorre que o catolicismo conserva uma relativa unidade institucional, diferentemente do protestantismo, que se fragmenta em diversas expressões desde os séculos XVII e XVIII, período em que a Igreja Católica perdeu espaço em regiões onde os ideais da Revolução Francesa avançaram com maior força.

Esse pano de fundo histórico e religioso ajuda a compreender a complexidade do cenário atual. O Brasil é, como afirma Boccato, uma “colcha de retalhos”. Desde a Proclamação da República, em 1889, a Igreja Católica tem perdido sua influência direta nos assuntos políticos. A partir da década de 1920, missionários protestantes norte-americanos começaram a atuar no país. O teólogo também inclui em sua análise que, em 1964, durante a ditadura militar, o governo incentivou o crescimento de grupos evangélicos conservadores como forma de oposição à Igreja Católica, que adotava posturas mais críticas.

É nesse contexto de pluralidade religiosa, disputas de poder e influência institucional que se insere o tema deste livro-reportagem: violência sexual contra crianças e adolescentes em religiões cristãs. A obra se dedica à

análise de múltiplos aspectos dessa problemática em seis capítulos.

No início, aborda-se a dimensão da agressão sexual e busca-se entender por que esse crime é tão recorrente e de alcance global. Nos capítulos subsequentes são discutidas questões como a normalização da violência, o papel do clericalismo nas religiões e a disseminação do imaginário pedófilo, especialmente na internet.

Também são investigadas as estratégias utilizadas por agressores que se valem do discurso religioso para justificar seus atos, além das consequências físicas e psicológicas que as vítimas podem desenvolver. Por fim, são analisadas as características do perfil dos agressores e os caminhos possíveis para romper com a alta incidência de violência sexual em contextos religiosos.

Capítulo 1:

*Até onde vai
a violência
sexual infantil*

*“Enquanto as outras crianças
jogavam esportes, eu era um
brinquedo para te satisfazer”*

– Larissa.

Mirela Costa nasceu na religião Testemunha de Jeová. Muito devota, ela não fazia amigos na escola e fora da religião, não comemorava aniversários e era proibida de cantar o hino nacional. As testemunhas de Jeová não podem se misturar com pessoas do “mundo”, aquelas de fora da religião. Segundo Mirela, hoje jornalista, ela perdeu grande parte da sua infância por conta dessas proibições, que faziam parte do seu propósito na época.

Como traz a socióloga Christina Vital, pesquisadora do Laboratório de Estudos Sócio Antropológicos em Política, Arte e Religião da Universidade Federal Fluminense (LePar/UFF), para crianças de famílias religiosas existem semelhanças entre a influência da família sobre o indivíduo e a que a instituição religiosa exerce sobre ele. Então, ao introduzir uma criança nesse meio, ela é orientada a reproduzir desde cedo as expectativas da família, principalmente em relação à vida religiosa. Isso determina a orientação moral e cultural do indivíduo, como aconteceu com Mirela.

De acordo com a socióloga, as religiões têm importância nas culturas mundiais. A dimensão da relação com o sagrado, independentemente da instituição, traz o que é permitido, não permitido, o que é incentivado ou o que se torna um tabu em diferentes épocas da humanidade. Assim, a religião molda a orientação cultural e social, influenciando a interpretação dos elementos ao redor.

Como as testemunhas de Jeová afirmam em sites oficiais, elas não são amplamente aceitas por outros grupos cristãos. Embora se identifiquem como cristãs por acreditarem que Jesus Cristo é o filho de Deus e salvador, a religião não reconhece a doutrina da Trindade. Além disso, elas creem na vida eterna por meio da aceitação de Jesus, mas não consideram a existência do inferno. Para a religião, as pessoas que rejeitam a mensagem divina são simplesmente destruídas, ou seja, a alma é considerada finita.

Como explica um antigo líder da instituição, Yann Cristian, toda a crença das Testemunhas de Jeová é baseada na Bíblia, com a interpretação feita por livros de estudos próprios. Elas creem que Jesus é o fundador da religião por ter iniciado o cristianismo. No entanto, como revela a própria religião em canais oficiais, a organização religiosa surgiu a partir do trabalho de Charles Taze Russell, um estudante da Bíblia. Charles e um grupo de apoiadores publicaram “A Sentinela”, uma revista de estudos utilizada até hoje pelas testemunhas de Jeová.

Com 10 anos de idade, Mirela foi convidada por um servo ministerial da sua sala do reino (templo religioso) para ir a um serviço de campo, uma atividade de pregação da religião. A mãe autorizou, já que além de servo ministerial, o homem de 40 anos era vizinho de

apartamento delas. A jornalista conta que ele era alguém de confiança da família e ela se sentia bem com ele, então ficou feliz com o convite.

Quando o líder foi buscá-la, percebeu que havia esquecido sua pasta e voltou com Mirela ao seu apartamento. Ao adentrar, trancou a porta, pediu para que ela se sentasse no sofá e depois deu um beijo em seu pescoço. A reação da Mirela de 10 anos foi se assustar com aquilo e se afastar com movimentos bruscos. Ao ver a reação da criança, o homem não tentou mais nada e ela entendeu que precisava evitá-lo.

Dois anos depois, outro frequentador da sala do reino a chamou para andar de carro. Sua mãe autorizou novamente e ela foi com o homem. Dentro do carro, ele deu um beijo na boca dela. Com 12 anos de idade, foi questionada pelo agressor sobre o que tinha achado do beijo. De forma sincera, respondeu: “eu tive vontade de chorar”. Nessa época, ela não tinha menstruado ainda, não possuía nenhuma educação sexual e, sem conhecimento do seu corpo, demorou para entender o que tinha acontecido.

O psicólogo Jean Von Hohendorff, doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenador do grupo de pesquisa VIA-Redes, diz que o agressor está numa posição de autoridade e poder acima de qualquer suspeita. Ele conclui dizendo que essa

posição gera uma dificuldade para a vítima reconhecer a violência. A socióloga Christina também pontua que a forma como a criança lida com a situação depende de sua relação com o corpo.

Após alguns anos, Mirela foi chamada para uma comissão — um julgamento feito por anciões da igreja para tratar assuntos graves. O motivo era que seu segundo agressor começou a assediá-la digitalmente após a cena do beijo e isso chegou ao conhecimento dos líderes. Durante essas reuniões, realizadas com a presença da mãe dela, um dos líderes perguntou se ela não estava apaixonada pelo homem adulto, que a beijou sem consentimento. Sem hesitar, ela conta que respondeu “não” com muita firmeza.

Como conclusão dessa comissão, ela foi avisada que podia denunciar o homem porque tinha menos de 14 anos, mas que não seria adequado porque mancharia o nome de Jeová e a reputação das testemunhas. O agressor de Mirela não foi expulso; ele deixou a instituição por conta própria e ela nunca mais o viu. Sua mãe a colocou como culpada pela situação, disse que ela permitiu que o homem a beijasse.

As religiões possuem sistemas de organização. A Igreja Católica possui o direito canônico; a Presbiteriana, o eclesiástico; a Testemunha de Jeová, um livro de regras

para os líderes e assim por diante. Todas essas regras servem apenas para o ambiente religioso e tem como objetivo mostrar como a igreja deve se comportar em determinadas situações. As consequências apresentadas pelos templos podem levar até à perda de ofícios religiosos. O Manual do Ancião da Testemunha de Jeová, por exemplo, diz como tratar um pecado grave como agressões sexuais:

“(1) Confissão: se uma pessoa confessar, de forma escrita ou verbal, que cometeu um pecado grave, não é necessário que haja outras evidências para se formar uma comissão judicativa. [...] (2) Testemunhas: ter suspeitas de alguém não é prova suficiente de que houve pecado. É necessário que duas ou três pessoas tenham visto pessoalmente o pecado”.¹

Após adulta, Mirela começou a faculdade de Marketing e repensou a vida. Começou a pesquisar a religião fora do site da Testemunha de Jeová (o que não é permitido) e a partir dali entendeu que a religião não fazia mais sentido para ela. Hoje, a jornalista é atea, mora em Santa Catarina e não fala mais com a mãe, pois apóstatas (pessoas que saem da religião) perdem o contato com membros da igreja.

¹Trecho do Manual do Ancião, capítulo 12.



Na foto, Mirela acompanhando uma marcha vestida como a religião manda; no fundo, a imagem de um salão do reino comum.

Durante nossa entrevista, ela fez questão de enfatizar que o que viveu não foi nada comparado a um estupro, mas foi um assédio. A gravidade do que ocorreu com Mirela não diminui por não ter ocorrido penetração. O assédio inculca marcas psicológicas e não deixa de ser uma violação do corpo e espaço da vítima.

Além disso, a Lei 12.015/2009 define estupro de vulnerável como qualquer ato libidinoso contra menores de 14 anos. Como ato libidinoso entende-se ações com o objetivo de satisfazer o desejo sexual de alguém, que podem ser definidas como: penetrar, masturbar (a si ou ao outro), lambar, tocar, apalpar, desnudar, beijar, produzir ou guardar pornografia etc.

Como revela o Anuário Brasileiro de Segurança Pública

de 2024, 61% dos casos de estupro ocorrem com crianças de 0 a 13 anos; em 64% dos crimes, o agressor é um familiar. Sem os familiares como um porto seguro, as crianças devem buscar ajuda com conhecidos, mas em 22,4% dos casos de violência sexual quem pratica é um conhecido. O balanço também mostra que a violência mais sofrida foi a pornografia infantojuvenil, com 42,6%; a exploração sexual fica em terceiro lugar, com 24,1%.

O estupro de vulnerável não é apenas um problema brasileiro. Como divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em outubro de 2024, 90 milhões de meninos e meninas sofreram algum episódio de violência sexual no mundo. Com isso, em um grupo de 5 mulheres, 1 já foi violentada na infância. Quando olhamos para os homens, essa proporção muda para 1 em um grupo de 7.²



Na Califórnia, nos Estados Unidos, o líder da igreja Luz do Mundo, Naasón Joaquín García, foi condenado por pedofilia, tráfico sexual e posse de pornografia em junho de 2022. De acordo

² Esses números são estimativas baseadas em um amplo conjunto de dados disponíveis mundialmente.

com documentos oficiais da corte da Califórnia, o homem assumiu 3 acusações das 25 existentes e fez um acordo com o Estado, que fechou sua prisão em 16 anos e alguns meses. Estima-se que o Estado da Califórnia recebeu cerca de 58 denúncias contra ele.

Este apóstolo é o terceiro da geração. A Luz do Mundo foi fundada em 1926 em Guadalajara, no México, pelo avô de Naasón, Joaquín González. Após a morte do avô, seu pai, Samuel Joaquín Flores, passou a liderar a igreja até seu falecimento, quando Naasón tomou posse da instituição. A posição de liderança não é passada como herança, os apóstolos são revelados por Deus para os devotos e ministros— figuras abaixo do apóstolo que ministram a palavra e batizam. Essa igreja está presente em 58 países, inclusive no Brasil, como mostra o site oficial da instituição.

Nessa igreja, deve-se tudo ao apóstolo, ele é um escolhido por Deus e é denominado como “papai” pelos membros. Desde sempre, os devotos são ensinados que as bênçãos e tudo que eles possuem, de bens materiais até saúde, vem dessa figura divina e abençoada.

Larissa², de 15 anos, cresceu na Luz do Mundo e amava cantar no coral e se desenvolver na obra. Convicta de que aquele espaço era de acolhimento e amor, não escondia ou

³ Pseudônimo.

limitava sua devoção a Deus, ao apóstolo e à igreja. Como motivo de orgulho para sua família, ela foi chamada por Alondra Ocampo, secretária do apóstolo, para servi-lo. A menina se sentiu tão especial que se pudesse gritaria seu chamado por todos os lugares.

Como aborda o documentário “Escândalos na Igreja Luz do Mundo”, produzido pela Netflix, as escolhidas para servir o apóstolo eram jovens mulheres de 8 a 17 anos de idade. Nesse chamado, elas precisavam colocar a mesa, fazer massagem no líder, dar banho nele, acompanhá-lo em festas e realizar outros pedidos. O líder viajava pelo mundo na companhia dessas meninas, que ficavam longe de suas famílias, escolas e rotinas por meses.

Esses serviços eram prestados até completarem 25 anos, idade em que normalmente ele escolhia seus maridos e elas se casavam.

Depois de alguns meses servindo o apóstolo, a devota de 15 anos foi convocada por Alondra novamente. A secretária falou sobre a necessidade de dar algo mais especial ao apóstolo. Esse presente seria um agradecimento por todas as bênçãos que ele concedeu a ela e sua família desde sempre. A menina topou o desafio de presentear Naasón e fez tudo que Alondra mandou.

A secretária colocou Larissa em um quarto e falou

para ela se despir e ficar em uma certa posição na cama. Quando o homem “santificado” chegou, ele se deitou em cima dela. Naquele espaço, com a presença da secretária, ele a estuprou.

No final da violência, a funcionária mostrou o sangue no lençol para provar que ali a menina deixou sua virgindade, seu presente maior. Após sair do quarto, Larissa foi ao banheiro se lavar na esperança de tirar a sensação do peso do corpo do agressor e de tudo que aconteceu naquela cama.

Essa história foi contada por Larissa no tribunal da Califórnia, em julgamento transmitido pelo canal Notícias Telemundo. No microfone, expressou-se sabendo que Naasón estava ouvindo: “enquanto as outras crianças jogavam esportes, eu era um brinquedo para te satisfazer”.

Julia, Maria Carmen, Helena e Madalena⁴ também foram violentadas pelo líder quando eram menores de idade e participaram do julgamento. Suas histórias constam no documento oficial do processo, que está disponível no site do órgão de justiça da Califórnia.

Após denunciarem o apóstolo, as 4 mulheres tornaram-se apóstatas e foram rejeitadas por suas famílias, que eram devotas e seguiam os valores e as condutas da

⁴ Pseudônimos.

igreja. Como revela detalhadamente o documentário da Netflix, ir contra Náason é ir contra Deus para os membros da igreja Luz do Mundo. Todas ficaram sem rede de apoio familiar.

“[As pessoas] perguntam “se há tantas vítimas, por que não se manifestaram?” Porque elas sabem o preço que se paga por se posicionar contra ele [Naasón]”, falou Madalena, com muita coragem, no tribunal. Ela foi violentada durante 7 anos pelo apóstolo. “Você [Naasón] roubou minha confiança e inocência”, exclamou.

O documentário também mostra que, assim como o líder condenado, o seu falecido pai, Samuel, foi acusado pelos mesmos crimes, exceto por haver meninos entre as vítimas. As acusações ocorreram em 1997; o pai de Naasón nunca depôs sobre o assunto.

Alondra Ocampo, secretária do apóstolo, junto das funcionárias Suzana Medina e Azalea, que está foragida, foram apontadas como cúmplices de Naasón. Alondra guardava arquivos de pornografia infantojuvenil em pen-drives na sua residência.

No entanto, segundo a apuração feita pela Netflix, durante seu julgamento Alondra foi considerada uma vítima: a secretária alegou ter sido violentada por Samuel Joaquín quando tinha 8 anos de idade. O documentário

revela que ela acabou fazendo parte daquele processo pela necessidade de obedecer aos apóstolos. Em cenas exclusivas do seu depoimento ela disse entender a violência como um processo natural do ambiente.

“Hoje tive um colapso. Nossos pais jamais acreditariam na gente, acima de tudo, porque foi uma benção”, leu Maria Carmen no tribunal da Califórnia. Essas palavras saíram de um trecho do seu diário antigo, de quando tinha 15 anos. Foi nessa época que ela aprendeu que era uma benção perder sua virgindade com o apóstolo de Deus.

Os relatos apresentados na corte são todos parecidos. As mulheres foram convidadas para servi-lo e logo depois chamadas para conceder sua virgindade como um presente de agradecimento. Na época elas não conseguiam entender o que estava acontecendo e não conseguiam negar a proposta da secretária. A diferença entre os crimes era apenas a frequência: uma parte das vítimas foi estuprada uma vez, outras muitas vezes até o casamento e algumas até mesmo depois de casadas.

As frases ditas pelo agressor às vítimas também foram enfatizadas no julgamento. “Quando você [Naasón] me estuprou, dizia que eu não podia ter namorado porque você era meu namorado especial”, contou Madalena. “É o momento apropriado para eu te chamar de tio? Ou só deveria chamá-lo assim enquanto me estuprava porque dizia que te dava tesão?”, questionou Helena, que, além

de ovelha do apóstolo, é sobrinha do homem.

A Luz do Mundo ainda defende a obra e o próprio apóstolo, como mostram diversos comunicados oficiais postados na rede social X, antigo Twitter. A instituição afirma que foram apontadas diversas incoerências no processo judicial de Naasón e insiste que não há provas concretas contra ele. Tentei entrar em contato com a igreja através do e-mail da assessoria, mas não obtive resposta.

O poder do agressor de silenciar a vítima

Em 2002, como resultado do jornalismo investigativo do jornal *The Boston Globe*, foi revelado um escândalo da Igreja Católica ligado à arquidiocese de Los Angeles. Deduziu-se, pela apuração, que apenas um padre agrediu crianças e adolescentes por 28 anos, o que resultou em 80 denúncias. Esse padre passou por 5 paróquias da arquidiocese. No total, estima-se que 300 sacerdotes tenham violentado 1,3 mil crianças pelos Estados Unidos e outras partes do mundo até 2002.

As vítimas eram chamadas para ajudar os padres na organização da missa. Desta forma, acabavam passando mais tempo com os sacerdotes, que ganhavam sua confiança. Na maioria dos casos, as agressões iam escalonando

O escândalo, que começou com uma descoberta regional em Boston, abriu portas para escancarar um esquema da Igreja Católica que encobria padres agressores: as arquidioceses sabiam o que ocorria e, ao invés de combaterem, escondiam por meio de acordos com as autoridades, trocando os padres de paróquia. Dessa forma, os agressores conseguiam atuar em mais de 5 comunidades.

Em 2017, uma investigação da Comissão Real da Austrália mostrou que 7% dos padres do país haviam sido acusados de violentar crianças entre 1950 e 2010. Na França, em 2021, um relatório da Comissão Independente sobre Abusos na Igreja Católica (Ciase) chegou à conclusão de que pelo menos 216.000 menores foram vítimas desde 1950. A Pensilvânia expôs, em 2018, violências contra mais de mil menores cometidas ao longo de 70 anos. O Brasil não fica atrás desses países, como revela o livro “Pedofilia na Igreja - um dossiê inédito sobre casos de abusos envolvendo padres católicos no Brasil”: mais de 108 sacerdotes foram acusados de violência sexual no país.

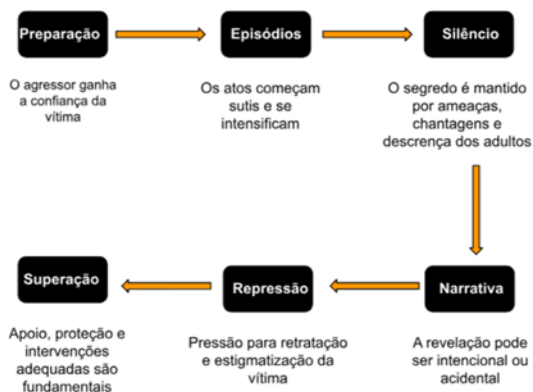
Como afirma o doutor em psicologia, Jean Von Hohendorff, o estupro não acontece de cara, o agressor começa com o aliciamento primeiro. Essa etapa é feita para conquistar a confiança e o afeto antes de iniciar algumas interações que, na perspectiva da pessoa agressora, já são

de cunho sexual. O especialista ressalta que crianças e adolescentes não possuem condições físicas, psicológicas e cognitivas para darem qualquer consentimento, assim, não cabe a elas perceberem a inadequação do ato.

Como exemplo da falta de conhecimento da criança sobre isso, Jean cita o ato de passar a mão no corpo de forma maliciosa. Em fase de desenvolvimento, o pequeno vai interpretar como carinho e, à medida que essa criança ou adolescente não mostra rechaço porque não entende, a confiança do agressor aumenta.

O especialista complementa que, como parte do aliciamento, o agressor pode apresentar aquela experiência como algo que eles têm de especial e uma consequência da relação de amor que possuem. É por isso que a ideia de segredo funciona muito bem para garantir o silêncio. Tudo isso faz com que a vítima fique muito confusa com o que está acontecendo.

O psicólogo discorre que quando a violência se prolonga, a criança pode começar a se dar conta do que está ocorrendo e então iniciam-se as ameaças e barganhas para sustentar o silenciamento. A posição de autoridade do agressor é muito eficaz para que essa etapa funcione bem. Von Hohendorff define nossa sociedade como adultocêntrica, o que significa que a palavra de um adulto vale mais do que a da criança, gerando um problema para a vítima manifestar-se contra o agressor.



Fonte: VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: IDENTIFICAÇÃO, CONSEQUÊNCIAS E INDICAÇÕES DE MANEJO. Jean Von Hohendorff e Naziana Dapieve Pallas (Faculdade Meridional – IMED – Brasil)

A socióloga Christina Vital pontua que os líderes religiosos são geralmente protegidos pelas instituições às quais pertencem, e isso acontece em várias denominações. Diante disso, mesmo quando um caso é notificado, pode-se ter certeza de que muitas outras vítimas se calam. Ela afirma que o raio de atuação desses líderes nunca é delimitado corretamente — é muito maior do que parece.

O jornal *The Globe* contou com entrevistas de Richard Sipe, ex-padre que se tornou pesquisador de temas como o celibato e a pedofilia entre clérigos. Ele atendeu muitos padres levados aos centros de reabilitação da própria igreja. O pesquisador explicou que grande parte das vítimas vinha de famílias vulneráveis, com mães divorciadas ou viúvas, e que os padres tinham uma preferência por meninos, o que foi analisado como uma estratégia já que eles demoram mais para falar.

Jean Von Hohendorff alega que os meninos são levados a crer que devem saber se proteger no sistema patriarcal. A “falha” gera medo da ridicularização, que se completa pelo medo da homofobia. O psicólogo ressalta que, geralmente, numa violência sexual contra meninos, os agressores tendem a ser homens também. Tudo isso gera uma confusão em relação à identidade de gênero e à orientação sexual, o que pode postergar a notificação do crime.

O estudo *“Gender Differences in Silencing Following Childhood Sexual Abuse”* realizado pelos pesquisadores Patrick J. O’Leary, doutor pela Universidade do Sul da Austrália, e James Barber, doutor pela Universidade de Bath Reino Unido, examinou como cada gênero lida com o silenciamento. Publicada em 2008, essa pesquisa teve participação de 145 homens e 151 mulheres, todas vítimas. Os resultados mostraram que 63,6% das mulheres falaram da violência logo após o ocorrido, enquanto 26,2% dos homens notificaram.

O mesmo estudo também pontua que 44,9% dos homens demoraram mais de 20 anos para falar do assunto, enquanto 25,4% das mulheres evitaram abordar o ocorrido por tantos anos. A pesquisa chegou à conclusão de que esse silenciamento está associado às normas de socialização masculina. A ênfase do problema está nos

estigmas de autossuficiência e resistência emocional relacionados à masculinidade.

Vital aponta que a questão sexual tem outro peso para os homens. Ela inclui a maior liberdade sexual como um problema, já que a banalização do ato pode amenizar a situação para o menino. A pesquisadora também aponta os impactos na sexualidade da criança. Ao mesmo tempo que vem de uma pessoa com autoridade, a violência pode trazer alguma sensação de descoberta e isso confunde a vítima.

Marcelo Ribeiro escreve em sua autobiografia “Sem medo de falar” que quando o padre, também maestro do coral da igreja, o penetrou, ele sentiu que havia algo errado na ação. Marcelo tinha menos de 14 anos de idade. Após o ato, o padre falou para ele não tocar no assunto com ninguém.

Depois que saiu da casa do maestro, ele pensou imediatamente no que as pessoas diziam sobre dois homens juntos. O medo de ser chamado de “marica”, “veadinho” e dos pais não entenderem o que aconteceu fez com que ele pensasse no silêncio como a única saída. Ele acreditou tanto nessa proteção que conseguiu falar disso apenas com 42 anos de idade para sua mulher.

Marcelo não foi violentado apenas uma vez, existiu todo um ciclo que permaneceu por um longo tempo. Com muita sinceridade, ele escreve abertamente sobre a mistura de sensações. Nele havia medo e a falta de conhecimento sobre o sexo, uma soma de não saber o que era aquilo com um prazer da descoberta que o deixou muito confuso.

O aliciamento começou muito antes do padre ir para o estupro usando a penetração. Ele cumpriu todas as etapas para garantir que o rechaço por parte da vítima demorasse para surgir.

Foi assim que o trauma, emudecido, enraizou-se na rotina de Marcelo. O ato foi tão normalizado que ele descreve que ia para o quarto do padre à noite como se fosse escovar os dentes pela manhã — sem ter a quem recorrer e digerindo sua dor diariamente.

Capítulo 2:

A naturalização da violência

*“A gente clama por justiça, mas
quanto menor o estado e a cidade,
a influência [da igreja] é maior.*

*É tudo armado”
– Fabiano Ferreira.*

Fabiano Ferreira tem 35 anos e relembra seu tempo de coroinha com lágrimas nos olhos. Durante seis anos de sua vida ele foi violentado sexualmente pelo falecido Luiz Marques, padre chefe da paróquia de São José em Arapiraca, Alagoas. Dos 12 aos 19 anos, o objetivo de Fabiano era apenas fazer com que os estupros parassem.

Certa vez, quando Fabiano tinha 12 anos, ele estava preparando os objetos litúrgicos para a celebração solene. O menino pegou o livro litúrgico, preparou as velas e percebeu que não tinha carvão para acender o incenso da missa. Com a permissão de Ednaldo, o coordenador do grupo dos coroinhas, ele foi pedir dinheiro para comprar carvão ao Monsenhor Luiz Marques na casa paroquial.

Fabiano chamou o padre na porta. Quando Luiz apareceu, ele avisou que Ednaldo havia pedido a ele que buscasse dinheiro para comprar carvão. Então, o Monsenhor permitiu que ele entrasse.

Na época o Monsenhor Raimundo, que atuava na paróquia Nossa Senhora do Carmo, estava morando lá enquanto sua casa paroquial era construída. Luiz pegou Fabiano pelo braço e, em tom de piada, disse a Raimundo: ‘Olha, Raimundo, ele quer calvão, ele quer dinheiro para comprar calvão’. Como resposta, Raimundo deu gargalhadas.

Luiz levou Fabiano para seu escritório e pediu para que o coroinha se acomodasse na cadeira que ficava em frente à sua mesa. Enquanto o menino estava sentado, o padre lhe disse que queria ser seu grande amigo após a separação dos pais. Para selar aquela conversa e entregar o dinheiro, Luiz perguntou se podia dar um abraço em Fabiano e ele consentiu. Durante o abraço o Monsenhor tentou beijá-lo, mesmo ele estando com a boca fechada, além de esfregar o pênis ereto no garoto.

Fabiano lembra de ficar enjoado com a língua do padre tentando introduzir-se em sua boca. Ali, com 12 anos, Fabiano entendeu que havia algo errado e não se esquece das palavras que ouviu antes de ir embora: “ah, sabe, eu quero que isso aqui fique só entre nós dois. Não fale para ninguém sobre nossa amizade”.

O teólogo André Luiz Boccato diz que o abuso sexual é a ponta do iceberg de uma relação assimétrica entre aquele que tem o poder e aquele que está fragilizado. O abuso espiritual, que consiste no uso do discurso de um fiel para manipulá-lo, é um mecanismo muito utilizado antes da agressão sexual. O especialista acrescenta que, na maioria das vezes, a vítima não tem noção de que está frágil, mas o líder sim e explora isso.

Depois de liberado por Luiz Marques, Fabiano ficou muito nervoso e não conseguiu esconder a expressão de

pavor. Ao passar por outros coroinhas, um o chamou para conversar e, em prantos, ele narrou tudo o que aconteceu no escritório. Como resposta ouviu dicas para evitar situações em que pudesse ser violado porque, como complementou outro coroinha, “é um problema que ele [Luiz Marques] tem, mas eu sei que ele se arrepende; não fale para ninguém”. Quase todos os coroinhas sabiam o que Luiz fazia, a maior parte deles já havia sofrido violências sexuais e tinha sido aconselhada dessa maneira.

Em outra ocasião, Luiz chamou Fabiano para ir à casa paroquial com ele a fim de buscar vinho e, sem a opção de negar, o menino foi. A sós na casa, o padre o estuprou. Depois desse episódio a violência sexual ficou mais recorrente.

As pessoas do ciclo do padre, como o motorista, o sacristão, as pessoas da limpeza da paróquia e outros, perceberam. Todos começaram a falar com Fabiano de forma separada, mas usando o mesmo discurso. “Olha Fabiano, eu tô sabendo o que tá acontecendo, mas não fala para ninguém, porque você sabe que ele é uma pessoa influente, ninguém vai acreditar em você”, diziam.

Quando se fala do ambiente religioso existe uma questão chamada clericalismo. Como discorre o teólogo Boccato, o clericalismo é a defesa da igreja que ocorre pela sacralização de pessoas da religião. Os religiosos

tendem a negar que o agressor cometeu o ato e culpar a vítima.

O advogado Ariel de Castro Alvez, ex-conselheiro do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) e especialista em Políticas de Direitos Humanos e Segurança Pública pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP), analisa o clericalismo dentro das instituições estatais de defesa. Para ele, é provável que uma pessoa religiosa tenha dificuldades de executar seu trabalho com efetividade por conta dessa negação que o clericalismo traz. Isso gera barreiras para a vítima notificar e seguir com processos.

Por conta dessa rede de apoio do agressor que apareceu para Fabiano, ele tentou se afastar da igreja. Quando não ia à paróquia, batia à porta dos pais dizendo que estava fazendo isso porque estava sendo influenciado por pessoas de má índole. Os pais, com medo, o pressionavam para voltar.

Aos 18 anos, em outra tentativa de se livrar dos estupros, Fabiano contou ao pai e à mãe o que o padre fazia com ele, mas nenhum dos dois acreditou no filho. Foi assim que ele passou 6 anos sendo estuprado pelo padre, que o obrigava a fazer sexo oral e o penetrava. Fabiano ressalta que não sente raiva dos pais, ele entende que ambos não tiveram instrução suficiente.



Fabiano à esquerda abraçando Luiz Marques após uma missa em que serviu como coroinha. Fonte: arquivo pessoal.

Sem o apoio dos pais, ele pediu ajuda aos seus amigos Flávio e Anderson, que haviam saído do grupo dos coroinhas. Os dois tiveram a ideia de gravar Fabiano e Luiz na cama, porém, acabaram fazendo barulho durante a filmagem e Fabiano precisou se esconder no banheiro do quarto. O padre percebeu que tinha alguém por perto, mas não desconfiou do envolvimento de Fabiano e tudo seguiu bem.

O plano era negociar o filme pela liberdade do coroinha. A primeira reunião foi feita entre Flávio, Fabiano e o Monsenhor. Depois que ela ocorreu, o garoto ouvia comentários secundários pelos corredores da igreja, como “Fabiano tem uma bomba para estourar” ou “existe um vídeo do Fabiano por aí”. A história chegou a outro sacerdote, Edilson Duarte, que violentou sexualmente

Fabiano por duas vezes e foi agressor de um dos seus amigos. Este padre começou a ameaçá-los dizendo que outras pessoas já tinham desaparecido por isso e que esse também seria o destino deles.

Quando as ameaças se agravaram os amigos decidiram procurar um advogado, assim como Luiz. O agressor alegou que os três estavam tentando extorqui-lo. Na segunda conversa entre as partes os advogados chegaram a um acordo. Após a defesa afirmar que eles poderiam ser presos se não entregassem o material, os meninos deram o vídeo para o advogado de Luiz, mas Flávio ficou com uma cópia sem que o padre soubesse.

Mesmo após o acordo, as ameaças de que eles iam sumir voltaram a ocorrer. Então, os amigos decidiram levar o caso ao programa Conexão Repórter, do SBT, apresentado por Roberto Cabrini. Os três também denunciaram Luiz ao Ministério Público e à polícia civil.

No programa aparecem falas exclusivas de pessoas envolvidas, além do vídeo com conteúdo criminoso, que não foi exibido em sua totalidade. Contudo, após passar na televisão, DVD 's piratas com a gravação do estupro foram comercializados na cidade de Arapiraca. Isso gerou muito estresse na vida de Fabiano, que entrou em depressão na época.

A socióloga criminalista Tatiana Badaró, formada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), diz que as delegacias não são os ambientes mais preparados para escuta. Ela observa que por falta de treinamento ou pelo cotidiano os profissionais lidam com indiferença diante da violência, o que pode levar a uma revitimização.

Tatiana aconselha a fazer como Fabiano fez: ir aos Núcleos de Atendimento às Vítimas de Violência (NAVV) que estão localizados nos Ministérios Públicos. Os NAVV's possuem equipes humanizadas de atendimento multidisciplinar que podem tornar a experiência da notificação menos dolorosa.

“O processo de denúncia não é simples”, fala Tatiana Badaró. Ela explica que é preciso romper com a própria realidade ao notar o incômodo, fazendo-se necessário o afastamento da igreja e, algumas vezes, da própria família.

Como coloca Ariel de Castro, a lei é muito importante, mas falta cumprimento quando falamos de escuta especializada. Para sustentar isso ele exemplifica o modo como os processos da denúncia são feitos. “Muitas vezes ela [a criança] tem que ficar repetindo a mesma situação para vários órgãos e [a denúncia] acaba virando um verdadeiro calvário”, diz o especialista.

Para agilizar a denúncia os especialistas recomendam preservar prints, caso receba ameaça ou seja assediado por mensagens, fotos que gerem constrangimento e tudo que pode ser usado como prova para fortalecer sua palavra. Tatiana também fala da importância de buscar ajuda jurídica antes de denunciar a fim de analisar os riscos e ajudar nos órgãos de justiça. A socióloga reforça às vítimas a importância de buscarem profissionais que não compartilhem da mesma fé.

Fabiano agradece as delegadas do caso pela humanidade e diz que elas o acompanharam durante todo o processo. Na época, o senador Magno Malta (PR-ES) iniciou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pedofilia. Passaram o vídeo de Fabiano sem censura no telão do fórum, muitos criminosos foram delatados, mas nada mais sério ocorreu além da exposição. Como resultado das denúncias ao Ministério Público e à polícia os agressores de Fabiano foram condenados.

Luiz Marques faleceu durante o processo aos 90 anos. Edilson Duarte e Raimundo Gomes, que também foram denunciados, foram condenados, mas estão soltos atualmente. “A gente clama por justiça, mas quanto menor o estado e a cidade, a influência [da igreja] é maior. É tudo armado”, diz Fabiano. Esse foi o primeiro caso de agressão sexual contra coroinhas no Brasil reconhecido pelo Vaticano.

O nascimento dos direitos e a disseminação do imaginário pedófilo

Olga Brites, doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), explica que a liberdade sexual e a dignidade da pessoa humana passaram a ser consideradas na Constituição de 1988. Como relembra o advogado Ariel de Castro, a violência sexual contra crianças e adolescentes começou a ser pauta nos anos 80, quando a fama do turismo sexual brasileiro cresceu mundialmente. Mesmo sendo uma discussão antiga, medidas mais eficazes para combater a violência foram garantidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) nos anos 90.

Antes do ECA havia o Código de Menores, uma medida exclusiva para aqueles em situações de abandono. Segundo Ariel, o código tinha uma postura repressiva e não de acolhimento. O objetivo era higienizar as ruas eliminando as crianças, vistas como objetos que precisavam de intervenção, como aponta o ex-conselheiro do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

Na contramão da repressão, com a Lei Federal nº 8.069, nasceu o ECA. O estatuto assegura o funcionamento do artigo 277 da Constituição Brasileira, que garante

a proteção integral das crianças e adolescentes. Com isso, o estatuto substitui ações repressoras e pontua que a proteção das crianças e adolescentes é de responsabilidade da família, Estado e sociedade.

Olga Brites não deixa de enfatizar que a história da sexualidade e do sexo sempre foi moldada pela cultura, hábitos e valores ao longo do tempo. A psicanalista e doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Fani Hisgail, escreveu o livro “Pedofilia: um estudo psicanalítico”, que explora a ligação entre a popularização da pornografia e a disseminação do imaginário pedófilo. Para ela, a difusão das imagens pornográficas de crianças na internet revela o ideal do ato pedófilo. Ademais, a alta circulação do material tomou proporções que extrapolaram o controle social.

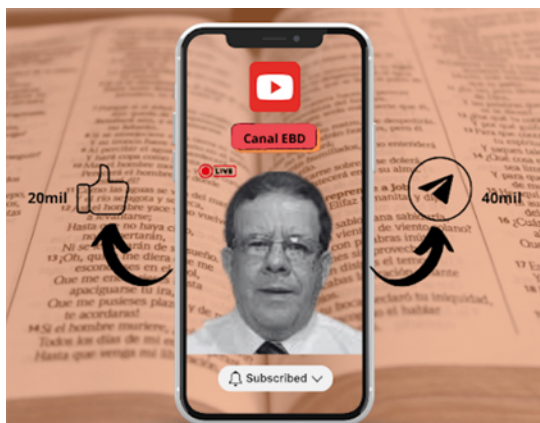
Agnaldo Betti concedia lições bíblicas no YouTube para adultos, jovens e todos que se interessavam pela palavra de Deus. O pastor era ligado à igreja evangélica Assembleia de Deus Ministério do Belém em Campinas, mas parou de pregar na instituição e filiais em 2017, como revelou a própria igreja. Depois disso ele se dedicou ao seu canal, que tinha mais de mil inscritos.

Em julho de 2024, foram encontradas em seu computador mais do que fotos pessoais, pregações e

pastorais. Em sua residência em Valinhos, interior de São Paulo, a polícia o prendeu em flagrante por armazenar e compartilhar pornografia infantojuvenil. O pastor estava indiciado pelo mesmo crime antes de sua prisão.

Dentre os aprimoramentos realizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente está a Lei 11.829/2008. Agnaldo foi preso porque essa lei criminaliza o ato de armazenar e postar atos libidinosos contra crianças na internet.

No dia 3 de julho de 2024, pelas redes sociais, a diretoria da Assembleia de Deus esclareceu que repudia qualquer comportamento oposto aos princípios e regras de fé da Bíblia Sagrada. Além disso, escreveu que desconhecia qualquer investigação ou indiciamento anterior. Agnaldo foi suspenso do rol de membros e do cargo eclesiástico.



O homem na foto é Agnaldo Betti.
Fonte: reprodução/Canal EBD no YouTube.

O Anuário de Segurança Pública de 2024 revela que a criação, armazenamento e circulação de pornografia infantojuvenil lidera o ranking de violência. A Internet Watch Foundation (IWF) levanta dados mundiais sobre a circulação desse material na internet. Quando usada como chantagem a pornografia atinge 91% dos meninos e 6% das meninas, a maioria entre 16 e 17 anos de idade.

As inteligências artificiais (IAs) também podem produzir imagens de violência, como revela a IWF. Em 2023, foram encontradas mais de 20.000 imagens geradas por IAs em um fórum da dark web. Em um mês, em 2025, foram somadas 3.500 novas imagens de violência sexual infantil geradas por inteligências artificiais no mesmo fórum da dark web. Das 275.652 páginas da web acessadas no mundo em 2023, 92% continham imagens autogeradas. As vítimas, em sua maioria, foram meninas de 7 a 10 anos de idade.

Fani estabelece uma relação entre a incidência desse material e a tendência de seus consumidores de se tornarem adictos do sexo. Como argumento, a psicanalista traz uma pesquisa de 1986 feita nas penitenciárias dos Estados Unidos, que revelou que 40% dos crimes sexuais tinham ligação com imagens de violências sexuais contra crianças.

A psicanalista finaliza dizendo que é dessa forma que

o uso de materiais audiovisuais se torna essencial para a disseminação e execução do desejo pedófilo. No meio em que foi inserida a banalização do estupro de crianças, gera-se ações criminosas. Isso afeta principalmente as crianças que, nesse contexto, têm suas relações sociais e o modo como enxergam as relações sexuais impactadas.

Capítulo 3:

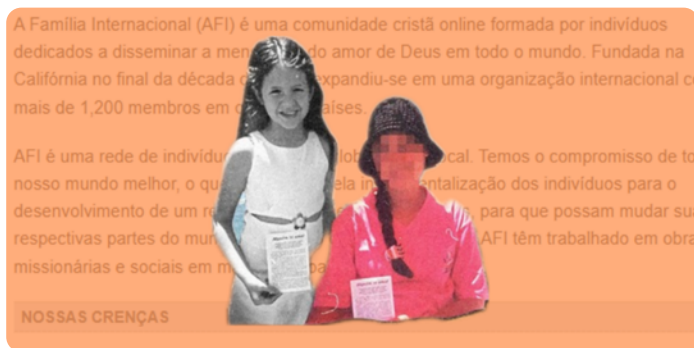
A violência disfarçada de evangelho

*“Eu não quero que essa parte
da minha vida não exista mais
porque sou eu. Eu não posso só
não existir”*

- Lya Veiga.

dela era repleta de pessoas sem parentesco sanguíneo. Todos os residentes faziam parte de uma comunidade cristã chamada *Children of God*, cuja missão é espalhar a palavra de Deus. Para aquelas pessoas a religião era vista como um modo de renegar o sistema.

Criada de forma coletiva, ela desenvolveu sua arte: cantar. Lya olha para o passado e vê felicidade em sua infância. Quando era pequena participava de muitas atividades e teve o privilégio de passar bastante tempo com seus pais, que já tinham cumprido suas missões. É uma tradição da comunidade que crianças tenham babás, membros dedicados a cuidar delas por conta das missões.



Lya segura um panfleto missionário sobre a seita quando criança.

Fonte: arquivo pessoal.

A comunidade *Children of God*, é conhecida no Brasil como “A família” e foi fundada por David Berg em meados de 1968. David era filho de pastor e decidiu seguir os mesmos passos do pai por um tempo, mas entendeu que

as igrejas tradicionais não tinham espaço para o seu estilo de fé. Dessa forma, com uma junção do evangelho e defesa do livre amor, trazida pela contracultura, o homem se colocou como profeta e criou seu próprio grupo religioso.

Como explica a pesquisadora e socióloga Tatiana Badaró, seita significa culto e devemos ter cuidado para não pensar que toda seita é abusiva. Os grupos denominados dessa forma apenas não se enquadram em religiões dominantes. Badaró pontua que o discurso abusivo não é uma característica da seita, ele pode estar inserido nela assim como nas igrejas católicas e evangélicas.

Contudo, o clericalismo em ambientes assim tende a ficar mais forte. Como analisa o teólogo André Boccato, como consequência desse fenômeno há a sacralização extrema dos líderes. Para o especialista, quando essa pessoa se coloca como profeta com argumentos religiosos, como se colocou David, esse olhar de santificação para o líder tende a se intensificar. Assim, a proteção dos discursos e ações ficam mais fortes também.

Como meio de perpetuar os ensinamentos, a educação infantil dos membros da *Children of God* era feita nos lares, com a prática de *homeschooling* — nenhuma criança ia para a escola. Lya foi ensinada assim; ela tinha acesso apenas aos livros dos lares, e conta que eram muitos. O método

de fundamentar os ensinamentos religiosos funcionou tanto que a religião seguiu após a morte de David.

No documentário “*Children of God: Lost and Found*”, Noah Thomson (diretor que nasceu na seita) mostrou os materiais usados na comunidade. Através de livros, cartilhas e vídeos de tutoriais, o sexo era normalizado entre crianças e adultos.

O material mais importante e famoso era o “*Story of Davidito*”, um manual que insistia que as crianças nascidas na comunidade tinham um propósito. Como revelou Noah, o material ensinava os pais a se masturbarem na frente dos filhos e até sugeria ações sexuais com a participação das crianças para normalizar o amor. Não há mais nada relacionado a esse livro na internet porque ele fazia apologia à pedofilia.

Davidito era um dos filhos de David que foi escolhido para ser o próximo líder. O menino foi submetido a tantos estupros quando criança que, ao crescer, matou a babá e depois cometeu suicídio. O documentário de Noah, que está na plataforma Max, tem uma entrevista com a prima de Davidito e mais detalhes sobre a história.



Algumas imagens das cartilhas e outros materiais feitos por David Berg. Fonte: Divulgação na internet.

Além de todos esses ensinamentos, a hipersexualização foi normalizada através da ação de *flirty fishing*, método criado em 1979. Essa prática era um tipo de evangelização que consistia na conversão através da sedução e do sexo. As meninas eram ensinadas a fazer isso desde os 12 anos de idade.

Muitas crianças nasceram na seita por conta da prática do *flirty fishing*. Essas crianças eram levadas para várias partes do mundo para serem missionárias e, com isso, a Interpol foi atrás de David por tráfico de pessoas e violência sexual infantil. Com o escândalo, que se somou à morte de Davidito, a seita mudou seus materiais e passou a pregar que esses atos não eram mais toleráveis.

Lya nasceu na seita com essa cara nova. Ela conta que os lares maiores e antigos tinham o “*Story of Davidito*”, mas

ela não teve acesso. O *flirty fishing* não era mais executado. Porém, a cultura da hipersexualização continuava.

Ela conta que o assédio era normalizado e que foi violentada sexualmente mais de uma vez. Aos 6 anos de idade, Lya foi molestada por um adulto. Aos 7 anos, foi agredida sexualmente por um adolescente. Com 10 e 12 anos, foi estuprada por dois adultos diferentes. Ela só conseguiu entender que esses atos não eram normais depois de falar com outras amigas da seita que passaram pelas mesmas situações e não se sentiram bem. Nessa época, ela tinha 14 anos de idade.

A especialista Tatiana Badaró traz uma reflexão sobre crianças terem religião. Ela pensa que elas devem ser expostas a mais de um tipo de pensamento e cultura, senão não conseguem questionar. “Você sendo criança que nasceu dentro [da religião], você não tem uma escolha. [...] você pode até ver que o outro não faz igual a você, mas acredita que o que está vivendo é o certo porque seu grupo reforça isso”, exclama Lya.

O isolamento é uma arma de aprisionamento, como pontua Badaró. Quando questionei Lya sobre as violências sofridas naquele espaço, ela citou uma lista antes de falar dos estupros, como isolamento social e restrição de autonomia de pensamento. Ela conta que dentro da comunidade você depende sempre do seu instrutor para

avançar para o próximo passo, então ninguém quer criar problemas.

Lya e as amigas não falaram nada porque o ambiente era propício para o silêncio. A casa até expulsava algumas pessoas, como ocorreu com um dos violentadores de Lya, mas não explicava o porquê. Ou seja, não era exposto que a pessoa violou uma criança.

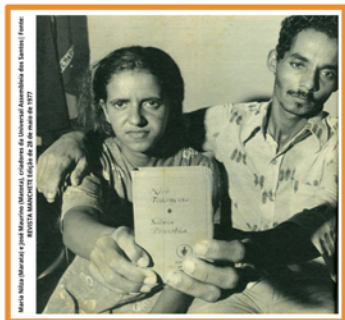
Lya saiu da seita porque a comunidade acabou de forma física. Assim, ela teve contato com outras teorias e culturas que deram mais entendimento sobre o que viveu.

De forma muito convicta, a cantora diz que “se ferrou” muito na vida por causa desse ambiente. Ela diz que se colocou em situações de vulnerabilidade desnecessárias, mas que, independentemente do sofrimento, ela entende que tudo faz parte de quem ela é. “Eu não quero que essa parte da minha vida não exista mais porque sou eu. Eu não posso só não existir”, finaliza Lya.

Para explicar a prisão psicológica que pode ser armada facilmente nas religiões, Tatiana Badaró falou sobre a história de Matota e Marata. O casal foi responsável pela morte de 8 crianças. Esse caso é contado no livro “Matota e Marata”, publicado por Wladimir Pinheiro.

Em 1º de maio, na Bahia, em Salvador, no ano de 1977, foram encontradas 5 crianças mortas na beira da praia de Ipitanga. Quem as achou foi uma catadora que costumava fazer seu caminho por aquela região. A perícia não constatou sinais de maus tratos e violência; os cadáveres tinham boa saúde, mas havia muita areia no pulmão, o que mostrava que a causa da morte foi afogamento. Depois de mais alguns dias, outros 3 cadáveres foram encontrados em outras partes da praia. As crianças tinham entre 7 meses e 8 anos.

Tudo isso se deu por conta da história de Maurino. O homem conheceu sua mulher, Nilza, através de conhecidos da Igreja Batista. Apaixonados, eles trocaram informações de que recebiam visões divinas e, por meio desse dom espiritual, perceberam que deveriam se casar. Então, no Monte das Oliveiras, lugar escolhido por Deus, o casamento aconteceu. Nilza saiu do monte casada e batizada como Marata e Maurino, como Matota. Segundo o casal, a união foi feita pelo próprio Deus.



O Monte das Oliveiras foi mais do que o palco dessa união, foi ali que Maurino ouviu de Deus que ele teria a missão de reunir um grupo para viver de acordo com os seus mandamentos. A partir disso, ambos seguiram

o propósito revelado. Os dois reuniram pessoas que acreditavam na santidade do casal e que eles realmente recebiam mensagens divinas.

Era pregado pelo casal que quem não seguisse seus mandamentos e as ordens vindas de Deus teria um fim terrível, com muito sofrimento. Também era defendido que as crianças eram uma porta para o mal, para os espíritos demoníacos. Com isso, era necessário castigá-las.

No início, o grupo, com um total de 20 pessoas, mais as crianças, se reunia na fazenda na Barra de Novo Mundo. Eles precisaram se mudar para o Monte das Oliveiras por causa da reclamação da vizinhança. Foi lá que Matota teve a visão de que as crianças deveriam ser sacrificadas no mar.

O Brasil não tem nenhuma medida específica para combater o abuso religioso. Os Estados Unidos, por exemplo, contemplam a fiscalização de grupos religiosos com a lei de terrorismo. Isso ocorreu por conta do atentado do líder religioso Jim Jones, que matou em média 1.000 pessoas, incluindo o deputado federal Leo Ryan. Esse tipo de terrorismo é definido quando um indivíduo ou grupo usa a religião para praticar atos violentos com a finalidade de alcançar metas religiosas.

Na madrugada do dia 1º de maio, Matota foi até o mar com o grupo. Através do discurso de que estavam atrapalhando por trazerem espíritos demoníacos, Matota conseguiu convencer os pais a sacrificarem seus filhos. Todos assistiram às crianças serem afogadas pelo homem, uma a uma. A única criança que ficou foi o filho dos líderes, porque era visto como messias.

Quando a polícia interrogou Matota, ele confessou o crime com facilidade. O grupo foi considerado sob forte influência e não foi preso. Matota e Marata foram diagnosticados com insanidade mental e cobriram pena em um hospital psiquiátrico.

A história de Matota e Marata se assemelha à de Lya porque o discurso religioso foi argumento para os religiosos cometerem os crimes. Badaró fala que diante do medo daquele líder ser realmente uma representação divina e das consequências do pecado, a pessoa se torna vulnerável em qualquer idade.

Além disso, o devoto confunde a agressão com um ritual. Como fala o psicólogo Jean Hohendorff: “é comum a vítima questionar: será que é um ritual? Será que realmente estou recebendo uma benção?”. Hohendorff também firma que essa relação só acontece por conta do ambiente e de quem é o agressor. A confusão entre uma agressão sexual e partes de um ritual de purificação,

libertação, entre outras ações que envolvem a santificação, é muito característica.

Medidas legislativas mundiais contra a violência nas religiões

A França desenvolveu o *Miviludes*, sigla que significa em português Missão Interministerial de Vigilância e Luta contra as Derivas Sectárias. As derivas sectárias são tendências perigosas em grupos religiosos que podem se manifestar como: elementos de intolerância, controle excessivo e até mesmo violência. Esse órgão interministerial foi criado em 2002, o seu objetivo é informar a população, publicar relatórios sobre o tema e propor formação de profissionais.

No último relatório publicado pela *Miviludes*, o número de denúncias foi de 4.571, houve um crescimento de 110% desde 2015. O documento menciona casos relacionados às Testemunhas de Jeová na França e alerta sobre algumas igrejas evangélicas importadas de outros países que estão se utilizando do abuso de poder espiritual, extorquindo os fiéis e os isolando socialmente. O país também monitora grupos através de serviços de inteligência e segurança interna.

Informar a população sobre abuso religioso evita casos como o do pastor Francisco Rodrigues Lemos, que teve sua

prisão realizada no dia 22 de janeiro de 2025, no Distrito Federal. Segundo nota da Polícia Civil do Distrito Federal, o homem de 44 anos é suspeito de estuprar adolescentes de 13 a 16 anos. As investigações iniciaram em novembro de 2024 após 5 vítimas procurarem a delegacia.

O pastor evangélico chamava as jovens da igreja para ajudar na limpeza do templo. Quando estava a sós com elas, o suspeito passava as mãos em suas partes íntimas, beijava-as e fazia outros atos sexuais. Nos depoimentos elas contam que ele dizia que precisava testá-las, matar o desejo carnal delas e prepará-las para serem boas esposas. Quando as vítimas se sentiam culpadas pelo ocorrido ele dizia para elas se ajoelharem e pedirem perdão a Deus.

A socióloga da religião, Christina Vital, fala que essa ação do líder não é esperada e produz uma perturbação religiosa. Isso gera uma culpa na vítima porque ela entende que foi responsável pela ação do agressor. A especialista diz que a autoridade prévia do líder religioso dificulta uma ação combativa por parte da vítima. Para sair disso, a socióloga coloca que é necessário que os religiosos entendam o líder como um ser humano capaz de realizar ações criminosas que devem ser enfrentadas.

Em 2013, a Austrália implantou a *Royal Commission*, uma série de leis que obriga ministros religiosos a denunciarem casos de suspeita de estupro infantil, mesmo que a

informação tenha vindo em um momento de confissão. Além disso, o país acabou com a burocracia para que um civil processe instituições religiosas, favoreceu a indenização e garantiu apoio psicológico.

A medida responsabiliza as instituições religiosas em casos de pedofilia. Dentre as denominações a Igreja Católica foi a mais afetada pela comissão, que discutiu meios de combate eficazes, propôs o celibato opcional para clérigos e sugeriu mudanças no direito canônico.

Durante o papado de Francisco I (2013–2025) a Igreja Católica promoveu alterações no direito canônico visando agilizar a notificação de casos de violência sexual. O dado mais recente foi apresentado pelo arcebispo Silvano Tomasi na Comissão da ONU em 2014. Segundo o Vaticano, desde 2004, mais de 3.400 casos considerados críveis haviam sido avaliados, e 848 sacerdotes foram afastados de seus cargos.

Como alguns exemplos de contabilização pelo mundo, destaque: a pesquisa encomendada pela igreja protestante alemã em 2024 e o Comitê Executivo da Convenção Batista do Sul (SBC), que divulgou pastores e outros membros acusados de violência sexual em maio de 2022. Essa lista continuou sendo investigada pelo Guidepost em 2021. No geral, as outras pesquisas regionais não focam nas ações internas da igreja, mas nas ações do Estado.

No Brasil é preciso adotar medidas como a *Royal Commission* para evitar casos como o que ocorreu em Americana, cidade do interior de São Paulo. A história envolve mais de 15 vítimas de agressão sexual da Basílica de Santo Antônio. Os advogados envolvidos no caso assumem que o número de vítimas seja muito maior, já que o agressor, o ex-padre Leandro Ricardo, viajava o Brasil inteiro e costumava ir ao exterior.

José Eduardo Milani, produtor audiovisual, faz parte do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico de Americana e denunciou o ex-padre Leandro enquanto trabalhava na mudança de cores da basílica, um prédio tombado, em 2014. Na época, ele era fotógrafo da paróquia e expôs o caso nas redes sociais. A denúncia teve tanta repercussão que as pessoas iam até ele notificar outras ações do ex-padre.

Entre as denúncias haviam casos de extorsão até violência sexual. Após entrar no vespeiro de denúncias de Leandro Ricardo e do bispo Dom Vilson Dias de Oliveira, suspeito de ser cúmplice de todos os crimes, Milani parou de atuar na paróquia. Junto com a advogada Talitha Camargo, contratada por algumas das vítimas, ele colocou tudo no papel para enviar ao Vaticano. No documento da denúncia constam casos de agressão moral, sexual e poder, com cartas de pessoas, prints, documentos de

imóveis e uma nota da Diocese de Limeira escrita por Dom Vilson que nega todos os casos.

A advogada conta que foi chamada para o caso com 8 meses de atuação depois de formada. Talitha fala que as agressões eram muito semelhantes. O ex-padre escolhia meninos em vulnerabilidade social, geralmente coroinhas, e mexia nos garotos quando ia colocar e tirar a túnica, dentro do carro quando precisava levar a criança para alguma festa ou até mesmo dentro da casa paroquial. Para garantir o silêncio o criminoso presenteava as crianças e dizia que a agressão era uma forma de carinho e amor.

O ex-padre Leandro Ricardo foi condenado por agressão sexual contra crianças. Alguns casos prescreveram e, de aproximadamente 20 anos de prisão, sentença caso todos os casos fossem devidamente julgados, ele foi condenado a 10 anos e alguns meses. O bispo Dom Vilson nunca foi julgado como um possível cúmplice. Quando conversei com os advogados e envolvidos soube que a prisão de Leandro estava para acontecer em fevereiro de 2025, mas ele ainda está em liberdade.

A socióloga criminalista diz que o Brasil enxerga medidas punitivas para instituições religiosas como perseguição. Contudo, Tatiana Badaró afirma que não é assim. Com o combate ao discurso e às ações violentas e abusivas nesses espaços as pessoas podem exercer sua fé

de uma forma mais livre e tranquila. Ela diz que podemos nos espelhar em outros países, como a própria França, Austrália e Estados Unidos, que desenvolveram ações específicas. É uma maneira de não deixar cicatrizes de violência em mais ninguém.

Capítulo 4:

Cicatrizes da infância

*“Não dá para deixar [a
agressão sexual] para lá”*

– Clara.

A ex-ministra dos direitos humanos Damares Alves, atual senadora, foi vítima de violência sexual na infância. A história da goiabeira ficou muito conhecida em seus anos como ministra – inclusive, fizeram até piada com o ocorrido. Essa história foi contada pela primeira vez em 2016, em uma pregação na igreja batista Lagoinha, em Belo Horizonte.

Na infância, ela morava em Feira de Santana, na Bahia. Aos 6 anos de idade, Damares foi estuprada por um pastor que morava em sua casa. Em diversos vídeos que circulam na internet ela contou que após o agressor a violar, ele a colocou no colo, ainda machucada, disse que a culpa era dela por tê-lo seduzido e que isso a transformava em uma pecadora suja. Seu pai, Henrique Alves, era pastor da igreja Quadrangular e abriu sua casa para esse outro sacerdote, que a violou dos 6 aos 8 anos de idade.

O silêncio se deu porque o agressor disse que se ela contasse algo mataria seu pai. A ex-ministra sempre fala do peso de ouvir que era uma pecadora. Como uma menina cristã, ela conta que se viu sem chance de ir ao paraíso. Além desse homem, que ela chama de “falso pastor”, houve outro agressor: um pastor que frequentava a sua casa.

“Quando a criança percebe que se ela não fizer o que o agressor manda ele fica irritado, ela se sente culpada

e, como solução, ela o obedece”, afirma o psicólogo Jean Von Hohendorff. O especialista ressalta que as crianças não têm condições plenas de entender o que está acontecendo, tornando-as mais suscetíveis a ameaças. Essa obediência não é uma escolha, mas um meio de conseguir balancear a reação do outro diante dela. O psicólogo finaliza a análise dizendo que a criança não quer ser responsável por mais dor.

Como resposta a esses estupros, Damares chorava escondida da família em uma goiabeira no quintal de sua casa. Sua dor era tão grande que não via mais motivos para viver e, aos 10 anos de idade, segurando um veneno para se matar, ela disse ter encontrado Jesus em cima do pé de goiaba. Aquele encontro mudou a vida dela. Segundo os relatos foi a partir daquela experiência paranormal que Damares teve sua vontade de viver de volta.

Quando uma criança sofreu ou está sofrendo agressão sexual ela emite diversos sinais. O especialista Jean coloca que não existe uma síndrome específica que se manifesta na criança, mas um conjunto de sintomas. Como o doutor diz, geralmente a criança fica com a raiva, o medo e a ansiedade mais acentuadas, além de terem o costume de se isolarem, como Damares fazia na goiabeira. Algumas também podem desenvolver depressão, estresse pós-traumático e comportamento hiper sexualizado.

O psicólogo explica que desde o nascimento possuímos sexualidade, mas ela é diferente da adulta. Ele analisa que com 4 anos de idade a criança pode começar com ações masturbatórias como uma forma de descobrir o seu corpo. “Ela mexe no corpo e ele responde com sensações, isso é natural”, diz Von Hohendorff.

O especialista aponta que não é esperado que uma criança faça isso de forma compulsiva ou que ela tenha conhecimento sobre práticas sexuais não condizentes com a sua idade. Jean discorre que o comportamento sexual acentuado só ocorre caso a criança tenha visto isso em algum lugar, seja sendo vítima de abuso sexual ou, por descuido dos pais, em filmes, por exemplo.

Lucas Vasconcelos sofre até hoje com as consequências psicológicas de ter sido agredido na infância. De Recife, ele nasceu nas Testemunhas de Jeová. Como um garoto muito dedicado aos trabalhos religiosos, participava da congregação da Língua Portuguesa. Seu instrutor era muito próximo dele e ele o admirava.

O homem, que tinha mais de 30 anos, participava da congregação da Língua de Sinais e era servo ministerial da igreja. Quando Lucas completou 14 anos, ele o chamou para assistir ao seu trabalho. Na época, Lucas gostou tanto que se mudou para essa congregação com o instrutor.

Com a mudança eles começaram a fazer trabalhos juntos. Durante uma viagem, o servo ministerial deu bebida alcoólica para o garoto, que ficou embriagado. Lucas lembra que na hora de dormir o instrutor lhe deu um beijo, e a partir daquele dia começaram as agressões sexuais.

Em outro momento, um ano depois, eles foram juntos para Jericoacoara. Novamente, o homem introduziu bebida alcoólica a Lucas em uma noite. Quando o menino acordou estava cheio de marcas pelo corpo e não se lembrava de nada. As marcas eram tão visíveis que uma camareira do hotel foi perguntar se estava tudo bem.

Quando voltou a Recife o garoto fingiu que nada aconteceu e agiu normalmente, mas entendeu que precisava ficar de olho nas atitudes do líder. Em outras ocasiões o instrutor tentou dar bebida ao Lucas e insistiu em abraçá-lo e beijá-lo. Por conta dessa insistência o menino entendeu que as ações eram agressões.

Jean Von Hohendorff analisa a síndrome de Estocolmo, sentimentos positivos ou até mesmo afeto pelo criminoso, como uma consequência do aliciamento e da posição do agressor. Ele pontua que é necessário considerar que o agressor é alguém de confiança da vítima ou até mesmo um familiar, então existe uma ambivalência para essa criança. Aquela figura que agrade não faz isso 24 horas.

Dessa forma, como destaca o especialista, o agressor parece duas pessoas distintas na cabeça da criança.

A fim de denunciar o servo ministerial Lucas escreveu aos anciões. A carta surtiu efeito e o agressor foi desassociado. No entanto, ainda podia frequentar a sala do reino. Foi nesse momento que Lucas, com 17 anos na época, decidiu que estava na hora de sair das Testemunhas de Jeová, pois não compactuava com aquilo

A consequência dessa história para Lucas foi a fibromialgia, uma doença crônica caracterizada por dor muscular generalizada e persistente, ligada à ansiedade e depressão. Ele diz que precisou de muita psicoterapia, principalmente para conseguir se relacionar e confiar nas pessoas. Além disso, ele passou por uma depressão muito forte.

Como analisa Esny Cerene Soares, doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), a depressão é a doença da culpa. Ela está relacionada a situações passadas e faz muito sentido vítimas de violência sexual a desenvolverem. O especialista também diz que na cabeça da vítima sempre vai passar a frase “eu poderia ter feito diferente”.

Esny também ressalta que é muito difícil saber como a vítima irá se comportar na idade adulta. Isso depende de

como as consequências psicológicas são tratadas antes. Lucas teve o apoio da mãe; mesmo sendo testemunha de Jeová ela apoiou o filho e não cortou relações com ele.

A duração das marcas físicas da violência

Clara⁵ também nasceu na religião Testemunhas de Jeová. Ela conta que era uma criança alegre, brincalhona e amável. Todas as suas amizades foram feitas no templo e o único familiar próximo que até hoje não frequenta a religião é seu pai. Ele é ateu e não é casado com a mãe de Clara desde que ela era criança.

Quando tinha apenas 9 anos a menina foi convidada por um servo ministerial para ir à Sala B do templo (o confessionário). Ao chegar lá, o homem deu um beijo nela e colocou a mão por dentro da sua saia, tocando-a de forma indevida. Mesmo criança ela sabia que ninguém acreditaria nela, então ficou calada e começou a evitá-lo. O homem seguiu com abuso psicológico, olhando-a com malícia, jogando beijo e tentando encostar nela sempre que podia.

A mãe de Clara reparou que a menina começou a ter corrimento e questionou firmemente o porquê. Com medo, ela contou sobre a agressão. Então, a mãe deu um tapa

⁵ Pseudônimo.

em seu rosto e disse: “você está sendo usada por Satanás e seus demônios para manchar o nome da congregação”. Clara continuou indo aos cultos obrigada pela família e, com 14 anos de idade, se batizou. A finalidade era que Jeová a perdoasse pela agressão sexual que sofreu.

Além dos impactos mentais, existem os físicos, como aponta a ginecologista Albertina Duarte, chefe do ambulatório de ginecologia da adolescência do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (USP). Entre os impactos físicos de um estupro estão as lacerações — feridas e cortes na região vaginal, anal, nas mamas e outras partes do corpo—, sangramentos e quando há tentativa de penetração a vítima pode ter escoriações e corrimentos.

Segundo a médica, as lacerações podem ser superficiais ou profundas. Quando superficiais, rompem muitos vasos sanguíneos e são mais fáceis de identificar. Quando profundas, atingem órgãos, como a bexiga e o intestino, e demoram mais para serem identificadas porque a dor pode ser menor e não há tantos sintomas aparentes. Esses machucados a longo prazo geram infecções, corrimentos e dor. Albertina se recorda de algumas histórias e lembra que já precisou ficar costurando uma adolescente por 11 horas por conta das lesões.

O corrimento não foi a única marca física da história de

Clara. Quando ia à sala do reino, não bebia água e não ia ao banheiro porque tinha medo de ficar sozinha. Assim, ela desenvolveu infecção urinária por segurar a urina, além de anorexia, anemia e fibromialgia. Nessa época ela chegou até a se automutilar.

As doenças acumuladas fizeram com que Clara visse a necessidade de tratar tudo em terapia. Dessa maneira, ela foi se desvinculando da culpa da religião. No processo, perdeu todos os seus amigos e grande parte de sua família, principalmente sua mãe. Seu pai a acolheu, mas ela coloca que o conselho dele é “deixar para lá” e, com muita dor, expressa que não tem como só deixar para lá.

A médica levanta outra consequência: a gravidez. Se essa menina já menstrua, ela pode ter uma gravidez na adolescência, o que, por si só, aumenta a mortalidade materna. Albertina fala que essa adolescente tem vergonha do ocorrido e tende a esconder, então ela não se alimenta adequadamente, não faz o pré-natal e está sujeita a infecções, pressão alta e hemorragias. Por essa série de fatores o bebê pode nascer prematuro e com baixo peso, além de ter má-formação por conta da violência do ato.

No ambulatório em que a médica trabalha, Mavi⁶ deu entrada. Ela tinha 11 anos e estava com dor no abdômen

⁶ Pseudônimo.

e mal-estar. As hipóteses eram apendicite ou até mesmo uma patologia mental que desencadeia dores físicas.

Quando Albertina passou pelo corredor, Mavi a agarrou e disse: “me ajuda, doutora, preciso ir ao banheiro”. A médica a levou ao banheiro e, para a surpresa da profissional, a menina estava grávida e ali deu à luz. A ginecologista fez o parto e conta: “o neném nasceu na minha mão, assim, no meio das fezes, no banheiro”.

Após o parto, Mavi foi levada para a sala de cirurgia. Por ser muito pequena, a vagina rompeu de uma forma que Albertina precisou costurá-la por 4 horas. A médica não se esquece da reação da mãe, que apenas disse: “essa menina com 11 anos não tem vergonha na cara”. “[Esse caso] me lembra perfeitamente o quanto nossa educação é falha e a rede de apoio [familiar] é mais falha ainda”, concluiu a chefe ambulatorial.

Albertina enfatiza que as marcas físicas podem perdurar ao longo da vida. Ela cita que as infecções sexualmente transmissíveis são comuns porque não há prevenção. Assim, pessoas que passam por estupro, sejam do sexo feminino ou masculino, têm mais chances de contrair sífilis, HIV, HPV, entre outras. Além disso, as vítimas podem ter dificuldade de engravidar ao longo da vida e terem dores durante as relações sexuais. É um crime que não dá para esquecer.

Enquanto os olhares se voltam para as atitudes da vítima, como fez a mãe de Mavi e outros pais apresentados anteriormente, o comportamento predador dos agressores passa despercebido. Especialistas exploram elementos que compõem a personalidade dos agressores e revelam como eles tendem a se comportar no dia a dia. A tentativa é identificar esses criminosos antes que eles deixem marcas irreversíveis em suas vítimas.

Capítulo 5:

*As
características
do agressor*

*“A história do predador
e da pedofilia é uma
história misturada”
- Esny Ferreira.*

Uma pesquisa feita por Delroy L. Paulhus e Kevin M. Williams, psicólogos pela Universidade da Colúmbia Britânica, estuda a teoria da *Dark Triad*. Essa teoria fala sobre o trio de traços na personalidade desses criminosos, composta por narcisismo, maquiavelismo e psicopatia.

Segundo a pesquisa, essas características fazem com que essas pessoas sejam mais insensíveis, manipuladoras, impulsivas e desenvolvam comportamentos perigosos para conseguirem o que querem. Existem duas formas de ver essas características: como uma sobreposição do narcisismo, maquiavelismo e psicopatia ou uma soma que gera uma patologia ainda não compreendida muito bem. O que os pesquisadores concluem é que esses criminosos possuem um sadismo que maximiza os próprios desejos em relação às pessoas.

Também é discutida nessa pesquisa a postura física dessas pessoas, que pode ser influenciada pelo narcisismo. Dessa forma, elas tendem a se vestir bem, mostrarem-se atraentes e serem sociáveis. O ex-promotor Roberto Tardelli fez parte do processo do ex-padre Leandro Ricardo, da cidade de Americana. Roberto conta que o ex-padre é simpático, se veste bem e chama a atenção por onde passa.

Esny Soares ressalta o ciclo de comportamento dos predadores sexuais, que engloba aproximação,

aliciamento e ameaça para cometer as agressões. Esny afirma que não podemos nos esquecer que esse comportamento vem de uma espécie de parafilia, que Freud chama de “perversão” nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” de 1905. A parafilia é uma distorção grave sobre o olhar da sexualidade.

O doutor conclui que o predador sexual e o pedófilo são igualmente criminosos. A pedofilia é uma patologia que pode ser tratada, mas a partir do momento em que a pessoa não controla seus impulsos e comete um crime, ela deve ser responsável por isso. Esny afirma que o pedófilo tem condições de entender a sua própria constituição e buscar ajuda.

Esny também fala sobre o tipo dos agressores. Ele diz que as características são muito diversas: o criminoso sexual pode ser de qualquer grupo étnico, religioso, social e não ter histórico criminal específico. Na maioria das vezes o predador vai agir de forma muito discreta para a polícia não desconfiar.

O especialista afirma que o criminoso inicia um ciclo vicioso após começar a se autoestimular sexualmente. Ele faz isso por meio de fotos e vídeos que contêm crianças e adolescentes. Assim, todos os seus sentimentos e comportamentos estão focados na gratificação de curto prazo. A partir disso, pode-se entender que o acesso à

pornografia infantojuvenil estimula a pessoa com um pensamento distorcido a cometer crimes sexuais, como aponta também a psicanalista Fani Hisgail.

Quando entrevistei João⁷, o presidente de um presbitério da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, ele contou a história de Pedro. Há 6 anos, João recebeu Pedro, um colombiano de 18 anos que fez teologia no Jovens da Verdade. O colombiano começou a trabalhar em uma igreja do ministério do Ipiranga onde havia um projeto social com crianças. O rapaz tratou de participar e se tornou o capelão.

Um tempo depois chegaram denúncias de que ele estava agredindo sexualmente as crianças do projeto. Segundo o presidente, Pedro levava as vítimas para o seu apartamento, mostrava vídeos pornográficos e depois realizava outras ações de cunho sexual. Quando o conselho da igreja o questionou sobre as denúncias, o colombiano confessou todas as ações. Um dia depois da confissão ele pegou um avião e voltou para a Colômbia. Pedro nunca foi preso ou julgado. Ele sumiu.

Eсны reforça que esses criminosos não ficam longe de suas vítimas. De acordo com o doutor, eles vão rodear parques, entrar em escolas e tentar se encontrar com essas crianças e adolescentes em certos momentos

⁷ Pseudônimo.

para agredi-los. O psicólogo também ressalta que esses criminosos podem ser separados em duas classificações: predador ou compulsivo.

Como explica Esny, o predador é sádico, agressivo e encara a criança ou adolescente como um objeto sexual. Esse agressor acredita que a vítima vai gostar do sexo porque a questão é a gratificação pessoal. Já o compulsivo, aposta em relações com crianças e adolescentes por conta de relações insatisfatórias e não duradouras com adultos. Esse criminoso é mais sedutor, gasta mais tempo para criar uma relação com a vítima, tem amizade com outros violentadores e vive sozinho ou com os pais. Geralmente a distorção sexual do agressor compulsivo começa na adolescência.

Quando um criminoso é diagnosticado com patologias, como a pedofilia, ele pode ser absolvido ou ter sua pena reduzida para que receba tratamento psiquiátrico, como aponta o advogado Ariel de Castro. O profissional enxerga a constatação da patologia como um benefício da defesa. No Brasil os testes psíquicos são pouco realizados, afirma de Castro. Assim, não existem dados sobre a porcentagem das pessoas encarceradas que possuem realmente alguma parafilia sexual.

A agressão pode ser uma reprodução de violências passadas

O estudo “*Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: a meta-analysis*”, publicado em 2009, fala sobre a tendência de os agressores sexuais terem passado por um histórico de violência. A metodologia empregada foi uma meta-análise de estudos existentes. Foram analisados 17 estudos que tratam de um total de 1.037 infratores sexuais e 1.762 infratores não sexuais.

O resultado da pesquisa revela que agressores sexuais tem uma taxa maior de histórico de abuso sexual na infância em comparação com agressores não sexuais. Isso sugere que existe uma associação entre ter sido vítima de violência sexual na infância e a probabilidade de cometer delitos sexuais na vida adulta.

A secretária do apóstolo Naasón, Alondra Ocampos, da igreja Luz do Mundo, foi condenada por ser cúmplice e armazenar pornografia infantojuvenil em sua casa. Ela foi violentada por Samuel Joaquín, pai de Naasón, quando tinha 8 anos. O documentário “Escândalos da Igreja Luz do Mundo”, da Netflix, mostra que a secretária normalizou a situação de violência. Não há provas de que ela sentia prazer em ajudar nas agressões ou que utilizava os vídeos para satisfação sexual, mas que sabia das ações criminosas e permaneceu em silêncio.

O psicólogo Esny afirma que essa relação é verídica. A violência sofrida na infância tende a ser reproduzida na vida adulta daquela que foi vítima. Contudo, isso não é uma regra absoluta. Na opinião do doutor, é preciso ter cautela para perceber que muitas vezes esse discurso é sustentado pelos advogados de defesa para sensibilização da opinião pública.

Dessa forma, o psicólogo Jean Von Hohendorff reforça que a criança e o adolescente vítimas de violência precisam de ajuda psicossocial e cuidados de uma equipe multidisciplinar. É essencial que as vítimas curem as consequências da agressão, não normalizem a ação e saibam lidar com os sentimentos, principalmente com a raiva que se acumula.

A quebra do ciclo da violência se dá por uma série de fatores, como tratamento adequado em casos de agressão sexual junto com o cumprimento das leis para penalização dos criminosos e proteção das vítimas. Além de uma educação sexual para prevenir casos de violência, como defendem os especialistas entrevistados.

Capítulo 6:

Quebra da violência

*“Se a educação sozinha não
transforma a sociedade, sem ela
tampouco a sociedade muda”*

- Paulo Freire.

Ministério Público da Bahia em janeiro de 2001, Lucas Terra se mudou de Copacabana, no Rio de Janeiro, para Salvador, na Bahia. De uma família evangélica, o menino de 14 anos começou a frequentar a Igreja Universal do Reino de Deus, que ficava no bairro Santa Cruz. Ele não media esforços para ajudar a igreja e evangelizar pessoas ao seu redor. Com sua mãe, Marion, trabalhando na Itália, ele morava com o pai, Carlos, e seus irmãos.

Como revela Marion nas redes sociais, Lucas era uma criança boa e, na contramão da maioria dos meninos da sua idade, sempre obedecia aos adultos. Uma das suas maiores alegrias aconteceu quando foi chamado para ajudar na manutenção do templo, o que significava deixar os banheiros limpos e cuidar de outras partes da igreja. Com sua nova tarefa ele saía de casa por volta das 17h e retornava em seu horário limite, às 21h30.

No dia 21 de março de 2021, Lucas se despediu do pai com um beijo e disse que já voltava. Após seu horário limite, o telefone tocou. Quando Carlos atendeu, o filho avisou: “pai, o pastor Silvio me trouxe para um evento em outra igreja, no Rio Vermelho. Tudo bem?”. O pai consentiu e ficou tranquilo porque o menino estava acompanhado de um sacerdote da igreja.

As horas passaram e Lucas não foi para casa. O pai imaginou que ele tinha dormido na igreja então não

esperou mais e foi para a cama. Quando acordou, continuou aguardando a chegada do filho, que não apareceu.

Carlos Terra andou até a igreja no Rio Vermelho para questionar Silvio sobre o paradeiro do filho, já que Lucas avisou que estava com ele na noite anterior. Silvio disse que tinha deixado o menino no ponto de ônibus com dinheiro para voltar para casa. O pai se preocupou ainda mais, pois o menino não conhecia a região tão bem assim e poderia estar perdido pela cidade.

Para ter certeza de que ele não estava por perto, foi até a igreja que eles congregavam, o templo da Santa Cruz. O pastor local, Luciano, contou que ele esteve lá durante a noite anterior e, após terminar seus serviços, saiu com Silvio e não voltou.

Após dois dias do desaparecimento de Lucas, foi encontrado um corpo em um terreno ao lado da igreja da Santa Cruz. Esse local era usado para fazer a “santa fogueira”, um ritual em que os membros entregam um envelope com dinheiro e pedidos aos pastores. O dinheiro fica com os líderes e os envelopes são queimados para chegarem a Deus. O cadáver estava com os braços e a boca amarrados, o corpo estava carbonizado e deitado sobre papéis da Igreja Universal dentro de uma caixa pequena.

O exame de DNA constatou que o cadáver era de

Lucas Terra. O laudo da perícia revelou que o menino foi espancado em um cômodo da Igreja Universal do bairro Rio Vermelho. Durante a ação Silvio contou com a ajuda do pastor Fernando e do bispo Joel, que faziam parte da igreja. Após baterem no menino até ele ficar inconsciente os envolvidos o amarraram com cortinas do templo, puseram-no em uma caixa e atearam fogo. Lucas foi queimado ainda vivo.

Como as chamas queimaram 80% do corpo de Lucas, não foi possível concluir se o jovem foi molestado ou não. Há suspeitas de que Silvio o molestou antes de levá-lo para o outro templo no dia 21 de março. Testemunhas apontaram que o menino chegou com marcas no pescoço e os olhos lacrimejando.

O pastor sempre tratou o menino com favoritismo e demonstrava ciúmes de acordo com pessoas da igreja. Parte do processo, disponibilizado pelo Ministério Público da Bahia, coloca que a motivação do crime pode ter sido vingança. A hipótese é de que o menino pode ter se recusado a ceder aos desejos libidinosos dos criminosos.

Silvio Galiza não era mais pastor de Lucas porque foi transferido após deixá-lo dormir no templo com Gilson, um amigo da criança que também era menor de idade na época. O reverendo convidou os garotos para ficarem nos aposentos da Universal após a meia-noite. Segundo as

regras da igreja, apenas os pastores e auxiliares podem dormir no templo. Existem suspeitas de que o pastor auxiliar viu Silvio convidando Lucas para dormir junto com ele naquela noite.

Fernando e Joel entraram na história após Sílvio ser condenado. Na prisão Silvio contou uma versão em que encaixava na história os outros participantes. Após 22 anos de processo, em abril de 2023, os dois também foram condenados por homicídio e ocultação de cadáver por júri popular. Contudo, a defesa recorreu e eles estão soltos.

No dia 11 de fevereiro de 2025, foi concedido habeas corpus aos condenados. Joel e Fernando têm muita história com a justiça baiana — por diversas vezes foram intimados a depor e não apareceram. Os dois também ficaram foragidos uma época e os pedidos de prisão preventiva foram contornados pelos advogados. Pedi esclarecimentos sobre medidas tomadas pela Igreja Universal do Reino de Deus por e-mail, mas não tive nenhum pronunciamento sobre o caso.



A imagem mostra Lucas Terra e seus três agressores.

Fonte: Laís Carnelosso

A Lei 12.015/2009 determina reclusão de 6 a 10 anos para estupro e de 8 a 15 anos para estupro de vulnerável. De acordo com um levantamento do portal de notícias g1 com dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), existem 5.692 mandados de prisão em aberto pelo crime de estupro de vulnerável no Brasil. Desses, 2.776 são de condenação definitiva, 2.014 de prisões preventivas, 221 de recaptura e 120 de prisões temporárias. Apenas 3 mil dessas pessoas foram condenadas sem possibilidade de recurso.

Segundo o último levantamento do Índice de Confiança na Justiça (ICJ Brasil) realizado pela FGV, 40% da população confia no Poder Judiciário. Além

disso, o levantamento também mostra que 83% dos entrevistados responderam que o Judiciário resolve os casos de forma lenta, 70% consideraram o Judiciário nada ou pouco honesto e 61% alegaram que ele é nada ou pouco competente para solucionar os casos.

Isso gera uma outra questão na sociedade: a crença do poder pelas próprias mãos. Se a população acha que o sistema Judiciário não resolve o problema ela se organiza por conta própria, e isso reflete no número de casos de linchamento, que aumentou 64% em um ano. Em 2023 e 2024 os linchamentos passaram de 137 para 214, isso significa que foi registrada uma agressão a cada dois dias. Esses dados são da rede do Observatório de Segurança.

De acordo com o Observatório de Segurança, os motivos que geralmente engajam essa violência são: violência sexual, assassinato que afete ou ofenda uma comunidade inteira e roubos. Francine Ribeiro, mestre em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC, faz uma análise sobre isso. Ela aponta que o linchamento traz a sensação de que a “justiça foi feita”, mas revela uma perda de civilidade, um retrocesso.

O especialista em Políticas de Direitos Humanos e Segurança, Ariel de Castro, reforça que é essencial colocar a legislação em prática. Ele fala como funciona a fiscalização por parte do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

O ex-conselheiro explica que o órgão é um conselho de direito que elabora e discute políticas públicas. O Conanda se baseia no Estatuto da Criança e do Adolescente para criar soluções com relação à problemática no exercício de direitos, além de verificar se os estados e municípios estão cumprindo as leis. O conselho também recebe denúncias e as encaminha para as promotorias, Ministério Público do Estado e, em alguns casos, para o Ministério Público Federal.

A efetividade da educação para o combate à violência

Como modo de combater a violência contra crianças e adolescentes a maioria dos especialistas entrevistados apontou a educação. A socióloga Christina Vital discorre sobre a normalização cultural desse crime. Para ela, a solução para um combate eficiente é a criação de campanhas na esfera federal, estadual e municipal que abordem a percepção do corpo como uma unidade própria do indivíduo e que ninguém pode tocar sem autorização.

A socióloga também fala de propor níveis de debate e educação a fim de fazer com que as pessoas enxerguem a gravidade desse crime. A maior campanha do governo brasileiro é a “Faça Bonito”, realizada em 18 de maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, que dá espaço para um mês de

conscientização sobre esse tipo de violência. Contudo, nos materiais disponíveis nos sites, não há nada sobre o entendimento do corpo, apenas dados estatísticos e a história da campanha.

Rose Mara Gozzi, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e psicopedagoga infantil, fala que a educação sexual para crianças é chamada de sexualidade infantil. Ela diz que essa parte é essencial para a formação integral da criança e acredita que a pedagogia participativa é o caminho certo. Essa pedagogia é a construção de boas perguntas para que as crianças e adultos reflitam e compartilhem com o grupo.

Rose também fala sobre escutar as crianças enquanto crescem. É normal elas perguntarem “como o bebê entra na barriga da mãe?” ou “como os bebês nascem?”. A psicopedagoga afirma que é fundamental ouvir e investigar as hipóteses que elas formulam, onde aprenderam certas informações e como as criam. Para formular uma resposta a especialista aconselha uma contextualização científica, utilizando, inclusive, obras literárias de qualidade.

A comunicadora também explora que educação sexual e a sexualidade infantil não constituem uma área específica de formação, especialmente no caso de professores da infância. Rose Mara diz que existe a necessidade de respaldo teórico para uma boa educação.

Como exemplo de desinformação geral, a entrevistada, de 58 anos, conta uma história da sua infância. “Ao saber que a gata da minha prima estava parindo perguntei por onde os gatinhos estavam saindo e minha tia respondeu: ‘pela boca, ela está vomitando’”, conta Rose. Ao concluir o exemplo, ela afirma que não podemos deixar crenças pessoais dos adultos determinarem respostas dadas às crianças.

O ex-presidente Jair Bolsonaro falou muito sobre educação sexual em seu mandato. Através de um discurso sobre oferecer o celibato como forma de educação, Bolsonaro utilizou o livro “*Le Guide du Zizi Sexuel*”, escrito por Hélène Bruller e ilustrado por Zep, para dizer que a educação sexual ensinava e incentivava as crianças a fazerem sexo. Na opinião de Jair, o material fazia parte de um incentivo a atos homossexuais também.

Esse livro foi escrito para crianças de 11 a 15 anos e tem como finalidade falar sobre paixão, puberdade, masturbação e a origem dos bebês. A autora escolheu um discurso nada moralista, com humor e rigor científico. Dessa implicância de Bolsonaro com o livro surgiu até uma notícia falsa de que o Ministério da Educação o distribuía como parte de um “Kit Gay”. Tanto a distribuição do “*Le Guide du Zizi Sexuel*” e o oferecimento de um “Kit Gay” nunca aconteceram.

Rose Gozzi também diz que não dá para falar do tabu da educação sexual sem falar de sexismo. A psicopedagoga diz que mulheres não recebem informações de forma tranquila, elas não são encorajadas a experienciar o sexo com autonomia e liberdade. Isso já não ocorre na educação masculina, pois os homens possuem um certo incentivo para terem liberdade sexual, muitas vezes até descontrolada.

A mestre em Comunicação lembra de frases típicas que são usadas e reforçam isso, como: “segura sua cabra que o meu bode está solto”, “nasceu um comedor!” e “essa roupa vai chamar muita atenção dos homens”. Para ela, romper com esse pensamento enraizado é o segredo para desenvolver uma educação igual, respeitosa e autônoma para todos.

EPÍLOGO

registrado que a bênção apostólica é uma atribuição dos oficiais da igreja—aqueles que exercem funções pastorais. Considerada um bem oriundo da esfera divina, a bênção é, para muitos fiéis, um ato esperado e valorizado.

“Nossos pais jamais acreditariam na gente, acima de tudo, porque foi uma bênção”, leu Maria Carmen no tribunal da Califórnia. No contexto do depoimento a “bênção” referia-se ao abuso sexual que sofreu por parte do apóstolo Naasón Joaquín García. Segundo análises da socióloga criminalista Tatiana Badaró e do psicólogo Jean Von Hohendorff, o medo das consequências religiosas, somado à confusão entre violência sexual e manifestações espirituais, caracteriza situações de abuso cometidas no interior de determinadas organizações religiosas. Nesses casos a ideia de bênção assume um peso simbólico adicional.

O “peso da bênção” manifesta-se, portanto, na manipulação exercida por lideranças religiosas, que associam culpa, salvação e doutrina ao sofrimento da vítima. A autoridade espiritual detém, nesse cenário, o poder simbólico tanto de abençoar quanto de legitimar condutas que podem ocultar a violência.

Quando introduzida ainda na infância a religião pode dificultar o desenvolvimento de uma visão crítica sobre o meio social e familiar. Como a socióloga Christina Vital

relata, a religião pode influenciar significativamente a formação da visão de mundo da criança, em nível comparável ao do núcleo familiar. Essa influência contribui para compreender porque Maria Carmen usou o termo “bênção” ao relatar sua experiência, porque Damares se viu como pecadora e porque Lya levou tempo para perceber os efeitos da hipersexualização.

Em contextos religiosos, o aliciamento e clericalismo, somados ao temor de punições espirituais e à ritualização de certos atos, resulta no silêncio. Como disse Albertina Duarte, nossa rede de apoio é falha. Nossa educação, também.

Para que relatos como os apresentados neste livro parem de se repetir é necessário ampliar o debate sobre o clericalismo não apenas nos espaços religiosos, mas também em instituições públicas. Isso é um passo importante para que os processos ocorram de maneira transparente, com aplicação efetiva das leis.

A bênção não pode pesar. Violência sexual não é instrumento de fé. É crime.

Produção e texto: Laís Carnelosso

Orientação: Prof. Leonardo Sakamoto

Ilustração e capa: Laís Carnelosso

Revisão de texto: Prof. Leonardo Sakamoto
e Giulia Porciúncula

Diagramação: Letícia Fagundes

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Ana Paula. *Abuso: cultura do estupro*. Globo livros, 2021.

BBC News Brasil. *Passei a infância em uma seita que incentivava o abuso de crianças*. G1, 5 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/passei-a-infancia-em-uma-seita-que-incentivava-o-abuso-de-criancas.ghtml>. Acesso em: 8 jun. 2025.

BRAGA, Giampaolo Morgado. *Pedofilia na Igreja: um dossiê inédito sobre casos de abusos envolvendo padres católicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Máquina do Mundo, 2023.

BURITY, Joanildo A. *A emergência pública das religiões no Brasil: significado e ambiguidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 63–80, jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/g3TxLZVYHjM8LPfJvQG84Vg/>. Acesso em: 25 maio 2025.

CALIFÓRNIA. Department of Justice. Attorney General Becerra announces arrest of Naasón Joaquín García, leader of religious organization La Luz Del Mundo. Sacramento: Attorney General, 4 jun. 2019. Disponível em: <https://oag.ca.gov/news/press-releases/attorney-general-becerra-announces-arrest-naas%C3%B3n-joaqu%C3%ADn-garc%C3%ADa-leader-religious>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CALIFÓRNIA. Department of Justice. Attorney General Becerra files multiple charges in sex trafficking case. Sacramento: Attorney General, 4 jun. 2019. Disponível em: <https://oag.ca.gov/news/press-releases/attorney-general-becerra-files-multiple-charges-sex-trafficking-case>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CALIFÓRNIA. Department of Justice. Complaint: The People of the State of California vs. Naasón Joaquín García, et al. Sacramento: Attorney General, 27 jul. 2017. Disponível em: https://oag.ca.gov/system/files/attachments/press_releases/Complaint%20072717_.pdf. Acesso em: 9 jan. 2025.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norteamericanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 100–115, set./nov. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13749>. Acesso em: 26 maio 2025.

DEUTSCHE WELLE. Estudo traz à tona casos de abuso na Igreja Protestante Alemã. DW Brasil, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/estudo-traz-%C3%A0-tona-casos-de-abuso-na-igreja-protestante-alem%C3%A3/a-68088084>. Acesso em: 9 jun. 2025.

DEUTSCHE WELLE. Estudo traz à tona casos de abuso na Igreja Protestante Alemã. UOL Notícias, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimasnoticias/deutschewelle/2024/01/25/estudo-traz-a-tona-casos-de-abuso-na-igreja-protestante-alema.htm>. Acesso em: 9 jun. 2025.

EBSCO. Family International (New Religious Movement). Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/history/family-international-new-religious-movement>. Acesso em: 8 jun. 2025.

EL PAÍS. Vítimas de abusos sexuais exigem ação ao Vaticano. El País Brasil, 16 jan. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/16/sociedad/1389868856_124714.html. Acesso em: 9 jun. 2025.

EM NOME de Deus. Direção: Pedro Bial. Brasil: GloboPlay, 2020. Documentário.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. David Berg – American religious leader. [s.d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/David-Berg-American-religious-leader>. Acesso em: 8 jun. 2025.

ESCÂNDALOS na Igreja: Luz do Mundo. Direção: Sam Kinch e Adriana Otero. EUA: Netflix, 2022. Documentário

(Título original: Unveiled: Surviving La Luz del Mundo).

ESTADÃO. Vaticano afasta 848 padres por abuso desde 2004. Estadão, 7 mai. 2014. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/vaticano-afasta-848-padres-por-abuso-desde-2004/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

EXAME. Vaticano afasta 848 padres por abuso desde 2004. Exame, 7 mai. 2014. Disponível em: <https://exame.com/mundo/vaticano-afasta-848-padres-por-abuso-desde-2004/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

FAVERO, Aline. ‘Nasci em uma seita’: mulheres isoladas foram abusadas pela Família. UOL, [s.d.]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/nasci-em-uma-seita-mulheres-isoladas-foram-abusadas-pela-familia/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

FERREIRA, Ronaldo. Neopentecostalismo e mercado religioso: estratégias de crescimento e legitimação. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 43–50, jan./abr. 2011. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.1.06 Acesso em: 25 maio 2025.

FINKELHOR, David. The trauma of child sexual abuse: two models. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 2, n. 4, p. 348-366, 1987. DOI: 10.1177/088626058700200402.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024. São Paulo: FBSP, 2024.

FREUD, Sigmund. Segundo ensaio sobre a teoria da sexualidade. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Imago, s.d. p. 89.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). Índice de Confiança na Justiça (ICJBrasil) – 2021. São Paulo: FGV Direito SP, 2021.

GLOBO. Fantástico. Jovens do grupo “Meninos de Deus” têm problemas com a Justiça [vídeo]. G1, 2 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/video/jovens-do-grupo-meninos-de-deus-tem-problemas-com-a-justica-887624.ghtml>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GUIDEPOST SOLUTIONS. SBC Executive Committee Investigation. Guidepost Solutions, 2022. Disponível em: <https://guidepostsolutions.com/sbc-ec-investigation/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

HISGAIL, Fani. Pedofilia: um estudo psicanalítico. São Paulo: Iluminuras, 2017.

HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. Psicoterapia para crianças e

adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: panorama e alternativas de atendimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 1, p. 182-198, 2015. DOI: 10.1590/1982-3703000202014.

HOHENDORFF, Jean Von; PATIAS, Naiana Dapieve. Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, n. 49, p. 239-257, 2017. DOI: 10.17058/barbaroi.v0i49.9474.

IHU UNISINOS. Alemanha: a presidente do Conselho da Igreja Evangélica Alemã, Annette Kurschus, renunciou. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634453-alemanha-a-presidente-do-conselho-da-igreja-evangelica-alema-annette-kurschus-renunciou>. Acesso em: 9 jun. 2025.

IHU UNISINOS. Alemanha: o escândalo dos abusos sexuais também assola as Igrejas protestantes. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 26 abr. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637266-alemanha-o-escandalo-dos-abusos-sexuais-tambem-assola-as-igrejas-protestantes>. Acesso em: 9 jun. 2025.